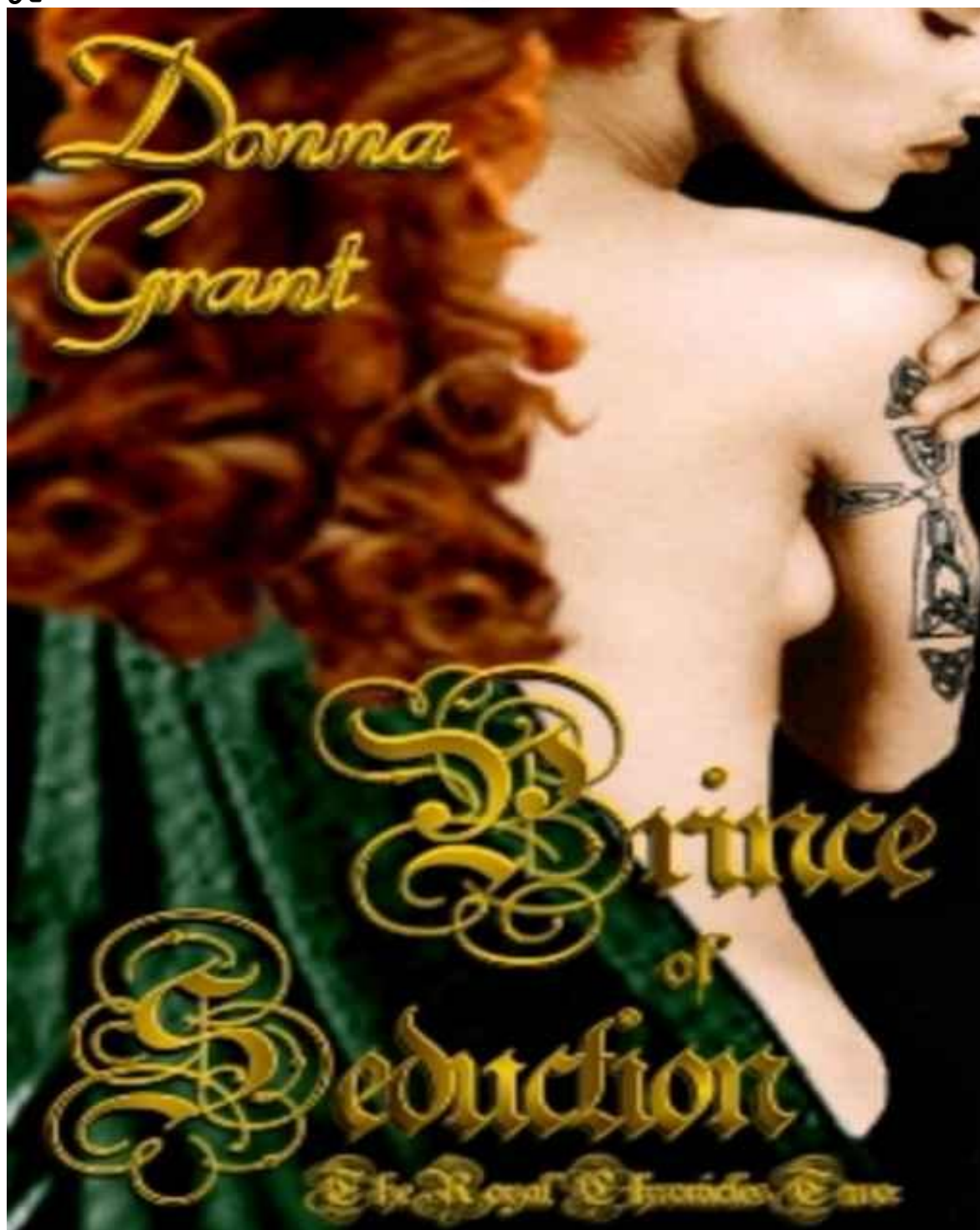




Príncipe da Sedução

Disponibilização e tradução: Rachael Moraes

Revisão: Adriana Ramalho

Revisão Final: Angélica



Resumo:

A sedução sempre foi fácil para Elric, o segundo dos mais jovens dos quatro príncipes de Drahcir. Quando ele encontrar sua companheira e convencê-la a retornar com ele, usando sua afamada sedução.

No entanto, ele não está preparado para encontrar sua companheira, ela não só é contra qualquer tipo de envolvimento emocional, como evita os homens a todo o custo. Agora, Elric terá que usar seu coração como também sua sedução para ganhar sua companheira e salvar sua família e reino.

Capítulo 1

Jamaica do sul
Presente

— Aqui está seu quarto, senhora. — disse moço dos recados ao abrir a porta para Marin.

Ela entrou e sorriu ao ver o quarto, intensamente pintado e o ladrilhado. A cama de quatro pilares e tamanho king se via tão bem, que tudo o que quis fazer era enroscar-se sobre ela e dormir. Em troca, seguiu ao moço dos recados enquanto lhe explicava sobre o frigobar e o sortido de licores ao seu dispor.

Mas quando ele retirou as cortinas e deslizou a porta de cristais, Marin suspirou. Ante seus olhos estava o magnífico Oceano Caribenho em toda sua glória justo a uns poucos passos de seu quarto. A areia branca brilhava a luz do sol, e as palmeiras se moviam pela brisa.

Ela inalou o aroma do mar profundamente e instantaneamente sentiu seus músculos relaxarem-se.

— Isto conta com sua aprovação? — Perguntou o moço dos recados.

Marin girou e lhe sorriu.

— Sim. Definitivamente.

— Se necessitar algo, meu nome é Paul. — disse e se dirigiu à porta.

Ela foi alcançar seu moedeiro para lhe dar uma gorjeta antes de recordar que se encontrava no Whitehouse, um novo resort do Sandals onde todos os impostos e gorjetas estavam incluídos durante a permanência.

— A propósito, — disse Paul quando ele alcançou a porta. — Seu prometido se encontra dois pisos sobre de você na suíte Lua de mel.

— Obrigado.

Marin esperou que a porta se fechasse atrás do moço dos recados antes de permitir-se mostrar sua irritação. Não tinha sido sua idéia de vir à Jamaica para casar-se. Tinha sido do Johnny. Ele tinha querido algo diferente. E já que os pais dela estavam mortos e não tinha nenhuma outra família, ela não teve nenhum outro argumento mais que o fato de que realmente queria casar-se em uma igreja.

Nada mais a dizer, Johnny ganhou o argumento.

Não estava realmente zangada. Só que não era as bodas com a que ela sempre tinha sonhado. Mas agora que ela estava na Jamaica e sentia o impulso de afundar seus pés na areia e chegar às águas turquesa, alegrou-se de que lhe tivesse falado deste destino.

Sobre o que ela estava zangada era pelos alojamentos. Johnny também tinha obtido que permanecessem em quartos diferentes até depois da cerimônia. Marin sacudiu sua cabeça e desfez sua bagagem.

A maioria dos homens estaria ofendida se a mulher não queria estar na mesma habitação que eles, mas Johnny era... diferente. Ele tinha certas idéias a respeito de sua relação, suas bodas, e seu futuro. E se ela era honesta, tinha que admitir que nem todas suas idéias eram tão loucas como o desejo de quartos separados até depois das bodas.

Era somente por uma noite, recordou-se. Ela teria o resto do dia e a noite para si mesma, antes das bodas pela manhã. E ela ia fazer uso completo deste tempo. Primeiro, ia desfrutar de um pouco de sol, areia, e água assim como do licor e comida, e logo essa tarde tomaria uma massagem e um tratamento facial.

Apressou-se em tirar roupa, sentindo que os efeitos da viagem a abandonavam à medida que deixava cair a roupa no piso. Então ela agarrou seu biquíni negro e o pôs. Arriscou um olhar nela no espelho antes de tomar seu amplo chapéu negro bordado e óculos de sol e se encaminhou através da porta de vidro para a praia.

Marin estirou suas costas quando fez retroceder as persianas da janela. Ela retirou as cortinas que cobriam a porta de cristal e riu da luz do sol da manhã.

Embora suas dores fossem calculadas, de fazer muito caiaquismo, mergulho, e a natação em um dia, foi responder o chamado da porta.

— Bom dia, — disse uma formosa mulher jamaicana ao entrar na habitação com o vestido de bodas e o véu de Marin. — Dormiu bem, senhora?

—Se, o fiz. — disse Marin e fechou a porta. —Tinha ouvido destes resorts antes, e se tivesse sabido quão belos e divertidos eram teria estado aqui antes.

A empregada sorriu

— Estou contente de escutar que está você desfrutando de seu tempo. Eu estou aqui para ajudá-la a preparar-se para suas bodas.

—Maravilhoso. Sei exatamente como quero meu cabelo.

A empregada assentiu.

—Perfeito. Deixarei-a tomar uma ducha rápida enquanto trago o resto de suas coisas e seu buquê.

— Espero que os lírios tenham resultado bem, — disse Marin tomando sua roupa interior da gaveta.

— Em realidade, senhora, o ramo que você ordenou que fosse todo de rosas. Rosas vermelhas.

— O que? — disse Marin endireitando-se. — Isto é o que meu prometido queria, mas eu expressamente ordenei lírios brancos e tulipas.

— Acredito que não haja tempo de trocá-lo, — disse a criada desculpando-se.

— Não, duvido que o haja, — disse Marin sentindo aumentar sua cólera. — Johnny sabia exatamente o que estava fazendo. — Ela inspirou profundamente e sorriu à criada. — Isto não é sua culpa. Desculpo-me se a ofendi.

—Não houve dano, senhora. Vá tomar sua ducha e relaxe-se. O dia das bodas de uma noiva é muito estressante. Nós dirigiremos tudo.

Mas ainda com a água quente lhe golpeando o corpo, Marin não se pôde relaxar. Se Johnny tinha ido atrás e trocado seu buquê, ela estava quase segura que tinha feito o mesmo com o bolo. E possivelmente também com a decoração.

Ela seguiu dizendo-se que estas eram pequenas coisas e não deveriam alterá-la. Mas a verdade era que estava extremamente alterada. Ela não queria ter uma discussão antes das

bodas - nem era o momento - assim como tampouco queria começar sua lua de mel com uma discussão. Ainda assim, ela não podia deixar passar. Tinha que falar com o Johnny a respeito disto.

Depois de fechar a água e sair da banheira para secar-se, Marin se envolveu com uma toalha e envolveu outra ao redor de sua cabeça molhada e abriu a porta a seu quarto. Ela girou a esquina e viu seu vestido exposto sobre a cama com seu véu e os sapatos a seu lado.

Ela tinha esbanjado dinheiro na roupa interior francesa para as bodas, e estava impaciente por vestir a cara lingerie de seda. Era um triste estado quando uma noiva estava mais impaciente de vestir sua roupa interior que seu vestido de noiva.

Uma vez que tinha o prendedor, calcinhas e cintas-liga sujeitando suas meias vestiu a bata e esperou que a criada retornasse. Enquanto esperava, olhou para seu vestido. Era um bonito vestido, ainda pensando que não era o que ela sempre tinha sonhado de ter. Johnny tinha descoberto o vestido escolhendo seu smoking e o tinha comprado.

Ele tinha tido razão, o vestido realmente luzia grandioso. Ela nunca tinha comprado um vestido sem alças antes, e não o teria esta vez se Johnny não tivesse continuamente lhe dizendo como luziria nela.

Marin deslizou sua mão pelo vestido de seda. Nenhuma conta, pérola, ou laço adornavam o vestido. Sua simplicidade era encantadora e se adequava a suas bodas na ilha.

Uma risada penetrou pela porta de vidro atraindo sua atenção. Marin, curiosa, caminhou para a porta de cristal e olhou fora para ver um casal caminhando do braço pela praia. Seu vestido branco e comprido véu se arrastava na brisa. O homem levava um smoking com sua camisa desabotoada no pescoço e sua gravata pendurada aberta. De repente, ele levantou a mulher em seus braços e a beijou.

— Sua cerimônia acaba de terminar, — disse a criada enquanto caminhava para o Marin.

— É um casal encantador. — Marin não podia ocultar o desejo de sua própria voz.

A criada sorriu e golpeou brandamente a cadeira que tinha disposto.

— Venha e arrumemos seu cabelo.

Ela se sentou na cadeira perto da janela aberta. A música de reggae penetrava sobre o som dos pássaros e o vento suave dos alto-falantes ocultos por toda parte do maciço resort. Ela nunca seria capaz de escutar a música do Reggae outra vez sem pensar na Jamaica.

Então a criada começou a pentear seu cabelo.

Marin fechou seus olhos enquanto seu cabelo era arrumado. Ela tratou de reprimir os sentimentos incômodos dentro dela, dizendo-se que todas as noivas se sentiam do modo como ela se sentia. Ela mais ou menos se convenceu quando a empregada anunciou que tinha terminado.

Impaciente por ver o que a criada tinha obtido com seu cabelo, Marin se levantou e foi olhar-se no espelho de corpo inteiro. Seus cachos de cabelo escuros tinham sido varridos de seu rosto para ser reunidos detrás de sua cabeça. Suaves mechas de cabelo penduravam perto de seu rosto e pescoço enquanto o resto de seu cabelo caía por suas costas em suaves ondas.

— Eu adoro — disse à criada — Muito obrigado.

A criada sorriu alegremente e recolheu seus artigos.

— Há algo mais que necessite, senhora?

— Somente uns minutos a sós.

— Certamente. Esperarei fora de seu quarto até que você esteja preparada.

Quando a criada se partiu, Marin se olhou uma última vez. — Marin Williams. Sra. Johnny Williams. Johnny e Marin Williams.

Sorriu a si mesma e se apressou a aplicar-se sua maquiagem. Johnny queria que ela fosse sem, então ela se comprometeu e somente tinha posto algum pó, lápis de olhos, rímel, e um pouco de brilho de lábios.

Uma vez feito isto, ela se meteu em seu comprido, e bem ajustado vestido de noiva sem alças e fechou o zíper. Ela tinha rechaçado ir com os pés nus como Johnny queria e tinha comprado em troca um magnífico par de scarpans de cetim. Quando estava deslizando seus pés dentro dos sapatos, o entusiasmo começou a desdobrar-se.

Ela tomou os brincos de pérola e os pôs, logo alcançou o bracelete de pérolas, as únicas duas jóias que sua mãe lhe tinha deixado. — Desejaria que pudesse estar aqui, Mamãe, — disse ela brandamente.

Jogou-se um olhar mais no espelho de corpo inteiro antes de tomar o ramo de rosas vermelhas e caminhou para a porta. Abriu-a para encontrar à criada esperando-a.

— Simplesmente estupenda, — disse a criada. — Me siga Srta. Chapel.

Com cada passo que dava para o gazebo de bodas que tinham estabelecido na praia, a ansiedade e o entusiasmo de Marin se mesclavam. Ela não podia esperar para começar sua vida com o Johnny e uma família pouco depois. Ele não poderia querer a meninos agora, mas ela estava segura que ele mudaria sua forma de pensar.

Ela descobriu o gazebo onde ocorreriam as bodas e viu todas as decorações vermelhas e brancas que Johnny tinha pedido. Era uma formosa mescla entre as águas turquesa e o vivo azul do céu. Todas as flores estavam em seu lugar, assim como o bolo, o ministro, e suas testemunhas.

A única pessoa que faltava era Johnny.

Marin riu enquanto se aproximava do pequeno grupo de gente.

— Ele estava tão preocupado de que eu chegasse tarde e ele se atrasou.

Cada um sorriu em silêncio, mas dez minutos mais tarde, ninguém ria, menos ainda Marin. Paul, moço dos recados que o tinha visto em seu quarto a noite anterior tinha sido enviado a procurar o Johnny. Quando Marin divisou ao Paul caminhando para eles, seu rosto carrancudo, ela sabia o que ele diria antes que as palavras sequer deixassem sua boca.

— O senhor Williams deixou o hotel do resort tarde ontem à noite, — disse ele brandamente. Seus olhos escuros mostravam compaixão e remorso, nenhum dos quais podia ela dirigir neste momento.

— O que? — Sua mente gritava. Johnny tinha partido sem nenhuma palavra para ela?

Nem sequer a decência comum para lhe dizer que ele suspendia as bodas, que ele mudou de idéia, que ele necessitava tempo? Nada? Que tipo de gentinha fazia isto?

Mas ela tinha sua resposta. Johnny.

Marin não se incomodou em olhar aos outros. Ela sabia que seus olhares sustentariam as mesmas emoções de Paul, e se ela queria conseguir chegar a seu quarto sem quebrar-se, tinha que partir imediatamente.

Ela deu um passo e sentiu seus joelhos cederam. Deteve-se e se forçou a respirar e a concentrar-se. Chorarei na intimidade de meu próprio quarto, assim outros não poderão se compadecer mais.

A resolução lhe deu a força que necessitava para afastar-se do gazebo para seu quarto. A calçada parecia interminável, e por um momento, Marin se perguntou se encontraria seu quarto outra vez.

Quando ela finalmente chegou a seu quarto, suas mãos se sacudiam enquanto tratava de conseguir a chave como cartão de crédito para deslizá-la. Uma vez que a luz pulsou verde, abriu de repente a porta e se apressou a entrar. Logo que teve a porta fechada se apoiou contra ela e se deslizou ao piso enquanto as lágrimas finalmente chegavam.

Capítulo 2

Highlands de Escócia
1268

Elric suspirou à luz que se desvanecia do dia enquanto o sol raiava o céu com uma viva cor púrpura, rosado, e laranja. Cada hora que passava, cada mês que ele contava, aproximava-o de falhar a sua família e ao reino de seu pai, Drahcir.

A maldição sangrenta tinha estado com sua família por gerações, gerações que tinham conseguido golpear a maldição e manter ao Drahcir e sua gente viva, mas ele tinha um doente sentimento no oco de seu estômago de que ele falharia.

Passou uma mão por seu rosto, sentindo-se mais cansado e fatigado do que tinha estado em meses. Ele tinha muitas vontades de falar com sua família, sobre tudo com seus irmãos. Nunca quatro irmãos tinham sido mais próximos que ele e seus irmãos. Eles tinham compartilhado tudo ao crescer, o que fez tudo mais difícil quando chegou o tempo para cada um deles de partir durante seu décimo oitavo ano.

Quanto tempo tinha procurado ele a sua companheira? A quantas mulheres tinha encontrado, só para dar-se conta que elas não eram para ele? Quanto tempo tinha estado sozinho enquanto percorria Escócia para encontrar a mulher que poderia salvar seu reino?

E a resposta a todas as perguntas era um ressonado - *muito tempo*.

Ele estava farto de vagar, cansado de procurar caras, e o mais importante, ele estava farto de temer falhar. Como fazia ultimamente freqüentemente, soltou uma fileira de maldições que frisariam o dedo do pé de um santo e desejou poder ver o antepassado que se colocou nos assuntos do Fae e tinha causado a maldição.

Elric se apoiou contra um lado da estalagem e cruzou seus braços. O outono tinha descido sobre as Terras Altas e o ar fresco da noite ajudou a abrandar sua crescente ira. Ele não tinha nenhum desejo de ir dentro da estalagem, mas devia fazê-lo. Ele tinha que encontrar a sua companheira e voltar com ela antes da quinta lua do Ano de Colheita, ou a maldição apagaria Drahcir e a sua gente. Tudo porque seu antepassado quis ver se ele podia fazer que uma princesa Fae se apaixonasse por ele.

Bem, seu antepassado tinha tido êxito, mas o idiota não se deteve pensar que passaria quando a princesa descobrisse que ele não a amava. O que ela fez foi pôr a maldição não somente sobre o antepassado de Elric, a não ser sobre toda a família Sinclair.

Tinha perguntado a seu pai uma vez se a maldição alguma vez terminaria. Infelizmente, seu pai não tinha uma resposta, e Elric teve medo que não houvesse uma.

— Não acredito que encontre o que buscas parado aqui fora.

Elric voltou lentamente sua cabeça para ver quem tinha desafiado interromper suas reflexões privadas. O que ele viu lhe deu a pausa. Ele se endireitou do edifício e girou para confrontar ao homem. O cabelo loiro e comprido caía até a metade das costas do homem e se mantinha longe de seu rosto por várias filas de tranças diminutas, levantadas brandamente pelo vento. Mas foram seus incomuns e brilhantes olhos azuis os que alertaram a Elric que estava ante um Fae.

O Fae sorriu.

— Alegra-me que saiba o que sou. Quem sou? Pode me chamar Aimery. Sou o comandante do exército Fae e estou aqui para te ajudar.

— Me ajudar? Não pensava que permitissem a alguém nos ajudar.

Aimery sorriu e cruzou os braços sobre seu peito. Aí foi quando Elric notou a curiosa roupa do Fae. A túnica e calças embora típicas do tempo, não eram feitos de lã corrente, nem sequer do material mais fino da nobreza. O tecido era diferente a tudo o que Elric alguma vez tinha visto ou alguma vez veria.

— Supõe-se que não deveria te ajudar, — disse Aimery como se Elric não olhasse fixamente sua roupa. — Entretanto, tempos drásticos exigem medidas drásticas.

— Não entendo.

Aimery suspirou e deixou cair seus braços aos lados.

— Eu sei Elric, que procuraste por muitos anos, e seu tempo se esgota. Você já deveria ter encontrado sua companheira.

— Sei. — Elric sabia que ele deveria mostrar ao Fae mais respeito, mas não dizia a Elric nada que ele não já soubesse.

— Você não a encontrou porque ela não está aqui.

Elric sentiu como se alguém tivesse golpeado seus pés por debaixo dele.

— O que quer dizer com que ela não está aqui?

— Exatamente isso. Sua companheira não está neste tempo.

Ele fechou seus olhos e se apoiou atrás contra a estalagem. De todas as coisas que ele pensou que poderia ir mal para dificultá-lo, esta não tinha sido uma delas. Ele tinha estado tão seguro como a saída do sol que suas companheiras estavam em Escócia, eles somente tinham que as encontrar.

— Em que tempo está ela? — Elric conseguiu grasnar enquanto abria seus olhos para olhar fixamente ao Aimery.

— Muitos anos no futuro.

— Então falhei já que não posso alcançá-la.

Aimery riu.

— Aí é onde eu entro.

Elric olhou de esguelha ao Fae.

— Por que está me ajudando?

— Porque quando alguém ou algo se interpõe, eu gosto de me assegurar que as coisas são corrigidas como deveriam ser.

— Vais trazê-la aqui?

Aimery sacudiu sua cabeça.

— Não, Elric. Você irá procurá-la. Isto te servirá para convencê-la de deixar seu mundo para trás e viajar no tempo.

Elric tragou com força. Ele tinha sabido que não seria fácil convencer a sua companheira de voltar com ele a seu reino secreto e oculto, mas agora ele tinha a pressão acrescentada de convencê-la de esquecer seu tempo.

Ele olhou ao Aimery aos olhos e assentiu.

— Quando parto?

— Agora. Não podemos perder mais tempo, — disse Aimery enquanto girava sobre seus talões e começava a sair do pequeno povo. — Sua companheira viajou a Escócia e estará de visita só durante um curto tempo.

—Sabe algo mais dela? — perguntou Elric. Ele sabia que era melhor lhe pedir ao Aimery que a descrevesse. Ajudaria ao Elric a determinar quem era sua companheira da alma.

—Sim.

Quando Aimery não disse mais nada Elric compreendeu que ele poderia fazer todas as perguntas que quisesse, mas o comandante Fae não compartilharia nada mais com ele. Entretanto para ele estava bem, depois de tudo, Elric era conhecido por sua sedução.

Capítulo 3

Tempo Presente, Escócia.

Três meses depois

Marin bateu palmas ao som das gaitas de fole enquanto um grupo de mulheres locais dançava uma giga das Highlands. Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto olhava aos aldeãos rindo e dançando.

— Agora, não está contente de ter vindo? — perguntou Rhonda, com um conhecido sorriso em seu lindo rosto em forma de coração.

Marin riu quando sua amiga foi agarrada por um homem que passava, atirando-a para a multidão de bailarinos. Os curtos e vermelhos cachos da Rhonda ricocheteavam enquanto ela seguia os movimentos dos outros.

Rhonda tinha estado esperando-a no aeroporto assim que Marin teve retornado a Houston da Jamaica. Nenhuma palavra foi necessária entre as duas mulheres quando Marin caminhou para os braços de sua amiga e deixou que suas lágrimas fluíssem. Rhonda tinha sido uma rocha para Marin. Se não tivesse sido por ela, Marin não teria sabido como sobreviver os três de meses passados.

— Boa tarde, moça, — disse um bom moço escocês ao aproximar-se e Marin deixou seus olhos vagar pelo alto homem. Seu cabelo loiro estava cortado curto e de ponta no topo, e seu rosto estava bronzeado, sugerindo que ele passava muito tempo ao ar livre. O tartán escuro de seu kilt complementava seus rasgos duros.

— Ele está interessado, — disse Rhonda quando voltava ao lado de Marin.

— Mas eu não.

Rhonda fez rodar seus olhos e suspirou.

— Você não tem saudades ainda daquele perdedor, Johnny, verdade?

Marin riu.

— Absolutamente, mas isto não significa que eu esteja pronta para encontrar a outro homem.

— Carinho, — disse Rhonda pondo seu braço ao redor dos ombros de Marin. — Ninguém disse que tinha que ter uma relação amorosa. Tenha um pouco de diversão com o formoso escocês com esse acento que faz tremer meus joelhos.

— Talvez você devesse ser a que tenha um pouco de diversão com ele. — Marin tratou de sorrir, mas o fato era que ela não queria estar ao redor de homens, ao menos não de homens próximos a sua idade. Os anciões com rugas e jovens eram tudo o que ela podia tolerar no momento.

Rhonda apertou seus ombros.

— Vais converter-te em uma mulher que odeia os homens.

Esta vez Marin fez rodar seus olhos enquanto girava sua cabeça para olhar a sua melhor amiga.

— Você me conhece melhor que isso.

— Sei. — Rhonda deixou cair seu braço e olhou ao chão. — Eu deveria ter ido contigo.

Marin havia dito repetidamente a Rhonda que seu trabalho lhe tinha impedido de acompanhar a ela e Johnny a Jamaica. Não era culpa de Rhonda que trabalhasse para uma grande empresa de investigação privada em Houston e conseguisse um enorme cliente dois dias antes que Marin tivesse ido à Jamaica.

Mas o trabalho da Rhonda lhe tinha permitido a Marin encontrar ao Johnny. A doninha não tinha pensado casar-se com o Marin na Jamaica. Ao que parecia uma semana antes ele tinha aceitado um trabalho em São Louis e tinha embalado tudo e o tinha mandado. Assim que eles tinham chegado à Jamaica, ele havia voltado ao aeroporto para tomar um voo de volta aos Estados Unidos.

O gracioso era que Marin não estava zangada por isso. Ela sabia que deveria estar, mas talvez ela estivesse só muito atordoada para sentir algo.

— Necessito outra cerveja, — disse ela de repente.

— Quer que eu a consiga? — perguntou Rhonda.

Marin notou que sua amiga e o forte escocês se olhavam um ao outro.

— Penso que posso dirigi-lo, — disse ela, logo riu quando ela compreendeu que Rhonda não a escutava.

Ela caminhou para o balcão que se tinha estabelecido fora. Embora o festival fora ao ar livre e a maioria dos habitantes do país vestissem somente uma camisa de manga larga magra e calças ou kilt, Marin tinham um suéter de lã grosso que tinha comprado o dia antes e uma jaqueta. E ela ainda tinha frio. A temperatura era bastante diferente do tempo quente e úmido do sudeste do Texas.

Com um sorriso, lhe pagou ao garçom pela cerveja, logo girou para procurar a Rhonda. Não esteve surpreendida de ver sua amiga conversando com o bom moço escocês. Marin olhou ao redor a pequena cidade pitoresca e as ruínas de um grande castelo no alto da colina que dominava o povo.

A história nunca tinha sido um tema do que ela desfrutasse, mas se encontrou cativada com as ruínas e a gente antiga de Escócia. Mais olhava fixamente as ruínas, mais se encontrava atraída por elas. Não vacilou quando se encontrou a si mesma andando para elas para uma inspeção mais próxima.

* * * *

Elric não soube o que esperar quando Aimery disse que eles viajariam através no tempo, mas não estava preparado para ser arrojado por um espaço escuro, com um som tão ruidoso que pensou que ele nunca poderia voltar a ouvir outra vez. Ele não questionou ao Aimery quando o Fae disse para manter seus olhos fechados.

E assim que isto começou isto se deteve.

— Abre seus olhos, — ele ouviu o Aimery dizer a seu lado.

Elric abriu seus olhos lentamente, esperando ainda estar caindo perdidamente como estava seguro que tinha estado faz só uns momentos, embora ele seguisse de pé e direito.

— Olhe para a entrada.

Ainda um pouco desorientado, Elric fez o que Aimery lhe ordenava e se encontrou olhando pelo que parecia ser uma via de entrada oval que brilhava como as águas de um lago.

Exceto estas águas eram claras, e enquanto ele as observava, encontrou-se olhando vários grupos de gente celebrando.

— Está no ano 2007, — explicou Aimery. — O escocês deste tempo ainda leva saias escocesas e celebra a herança escocesa, assim que se sentirá cômodo.

Elric tragou e agarrou sua espada.

— Eles podem levar um kilt, mas não levam nenhuma arma.

— Muitas coisas mudaram. Deveria deixar sua espada comigo, mas temo que possa necessitá-la.

Houve algo na voz do Aimery que atraiu sua atenção.

— Necessitá-la para que?

— Os Tnarg.

O corpo inteiro de Elric se estremeceu.

— Eles são reais?

— Muitíssimo. Eles atacaram ao Lucian quando tratou de voltar para o Drahcir.

— Falou com o Lucian? Por que não me disse isso?

— Você não perguntou, — recordou-lhe Aimery com um pequeno sorriso. O sorriso se esfumou de repente.

— Mantenha-se alerta. Se eu soube que sua companheira estava em outro tempo, as possibilidades são que os Tnarg também.

Elric assentiu e se encaminhou para a brilhante parede de água só para que Aimery o detivesse com uma mão sobre seu ombro.

—Quando você e sua companheira estejam preparados para partir, voltem para este ponto. A entrada estará oculta, mas se você souber o que está procurando, será capaz de usá-la. Não a atravesse a menos que tenha a sua companheira já que não poderei te enviar a seu mundo outra vez.

Com um fundo suspiro, Elric olhou ao Aimery por um momento.

—Obrigado por me ajudar e a minha família.

—Somente retorna com sua companheira, Elric, — disse Aimery.

Sem outra palavra, Elric passou pela entrada. Ele pensou que se molharia, mas era como se a água não estivesse ali, como se só fosse uma miragem.

Ele explorou o vale lotado abaixo enquanto tratava de dar um sentido ao tempo. As gaitas de fole soavam a seu redor enquanto um grupo de gente dançava e cantava. Outro grupo estava reunindo-se ao redor de variadas lojas montadas enquanto outros apregoavam suas mercadorias. O último grupo estava perto de uma estrutura que vendia só líquidos, e se Elric conhecia algo sobre seus compatriotas, podia assegurar que eles estavam bebendo cerveja.

Um sorriso atirou de seus lábios. Uma jarra grande de cerveja soava deliciosa, mas ele queria jogar uma olhada pela primeira área. Ninguém parecia ter notado que ele apareceu de nenhuma parte, e ele queria mantê-lo assim. Aimery tinha tido razão. A maior parte dos homens vestia saias escocesas, mas eram as mulheres as que o surpreenderam. Quão vestidos moldavam suas curvas tinham desaparecido, e em seu lugar havia grosas camisas que penduravam languidamente sobre suas formas e calças apertadas que insinuavam a parte posterior.

Elric sempre tinha sido incomodado por seus irmãos de que era um tradicionalista, e neste caso, era-o. Não gostou da roupa que vestiam as mulheres e esperava que sua companheira vestisse algo menos...desagradável.

A gente assentia e lhe sorria à medida que os passava. Ele esperava que Aimery houvesse lhe trazido para a cidade na qual estava sua companheira de modo que ele não tivesse que viajar por esta Escócia em busca dela. Mas ele não tinha alternativa. Procuraria no primeiro festival e logo se não a encontrava, ele procuraria pelos povos circundantes.

Enquanto passava a um alto Escocês com o cabelo loiro talhado muito curto e a uma mulher de curtos cachos vermelhos, ele notou como ambos o observavam. Ele assentiu a modo de saudação e seguiu, mas sentiu seus olhares até muito depois de que ele os tivesse passado.

Não tomou muito tempo andar ao redor do festival e encontrar às mulheres. Nenhuma era sua companheira. A decepção que saía a fervuras ameaçava afogando. Aspirou o ar Montanhoso e levantou seu rosto ao céu. O sol se abriu caminho pelas espessas nuvens e deu um pouco de calor a seu crescente esfriamento.

Elric dirigiu seu olhar às velhas ruínas de um castelo. "*Que tempo chegou se eles deixarem que um castelo se derrube?*" murmurou para si mesmo.

Tinha tomado aos homens montões de anos construírem as gigantescas estruturas, e era uma triste visão ver tudo isto destruído. Justo quando estava a ponto de dar-se volta, ele divisou uma figura solitária no topo da colina que olhava fixamente o castelo. O sol estava detrás dela, mostrando sua silhueta enquanto seu comprido cabelo negro era elevado pelo vento.

Uma fissão de consciência mordeu a espinha de Elric. Seu sangue se acelerou enquanto olhava fixamente a mulher. Ele começou a mover-se para ela. Mais se aproximava ele, mais rápido golpeava seu coração. Poderia ser que depois de todos estes anos finalmente tivesse encontrado sua companheira? Realmente poderia ser assim de fácil?

Ele se moveu ao redor dela de modo a aproximar-se por trás. Queria mais tempo para estudá-la e organizar seus pensamentos a respeito do que diria. Em certa época ele tinha planejado tudo, até a última frase que diria a sua companheira, embora agora, enquanto se aproximava da mulher, ele não podia recordar nada de seu discurso.

Uma rajada de vento açoitou ao seu redor quando alcançou o topo da colina. Ele olhou como ela se envolvia com seus braços tratando de dar-se calor. Seu ondulado cabelo castanho dançava ao redor de sua cabeça enquanto ela seguia olhando fixamente o castelo. Para sua decepção, ele não podia dizer muito a respeito de sua figura pela roupa grossa, volumosa que ela se levava.

Justo quando Elric estava a ponto de chegar a ela, outro homem se aproximou e tratou de falar com ela. Era óbvio pela atitude do homem e a má pronúncia de seu discurso que tinha bebido muito.

— Uma bonita moça como você não precisa estar sozinha, — disse ele.

Ela girou sua cabeça para o homem e Elric conseguiu uma vista mais próxima de seu perfil.

— Obrigado por sua oferta de companhia, mas estou bem.

Seu acento o cativou. Aimery havia dito que ela estava visitando Escócia, mas de onde, Elric tinha nem idéia.

— Ah, uma americana, — disse o homem e se aproximou.

Elric não soube o que era — uma Americana, — mas não gostou do perto que estava o homem dela. Ele começou a mover-se para eles.

— Por favor, — disse ela. — Agradeço-lhe pela hospitalidade, mas apenas quero estar sozinha.

— Eu não posso fazer isso, — disse o homem.

Elric tinha tido o bastante.

— Escute a mulher e deixe-a tranqüila, — disse ele, seu tom era suave e sem ameaças.

Marin ouviu a segunda voz detrás dela e se girou para confrontá-lo. Por seu tom tranqüilo ela não esperava a um homem tão masculino e tão atrativo diante dela. Se alguma vez houvesse uma fotografia no dicionário ao lado da palavra guerreiro, seria a deste homem.

Embora ele vestisse um kilt, esta era algo diferente do resto dos escoceses do festival. E a camisa branca que levava debaixo certamente não era a mescla de poliéster que outros levavam. De fato, via-se bastante... autêntica. Marin tragou quando notou a espada em seu quadril. Pela forma em que sua mão descansava casualmente sobre o punho se podia dizer que ele sabia como usar a arma. E esta não estava ali de adorno.

— Você bebeu muito neste dia, meu amigo, — disse o homem ao bêbado. — Há muitas mulheres abaixo que necessitam sua atenção.

O bêbado olhou ao guerreiro e logo abaixo, ao festival.

— Sim. Tem razão, — disse ele e se afastou.

Durante vários minutos Marin olhou como o bêbado tropeçava em sua baixada pela costa escarpada para a multidão no vale. Ela tinha querido estar sozinha com as ruínas de castelo, e esteve a ponto de perguntar ao guerreiro se ele podia partir, quando levantou seus olhos e o encontrou olhando-a resolvido.

— Meu nome é Elric Sinclair, — disse ele.

Sua voz era tão suave como o veludo, tão escura como o pecado, e enviou seu sangue a que se precipitasse através dela. Os homens nunca a afetavam deste modo e ela esteve imediatamente receosa dele.

— Obrigado por sua ajuda.

— Não sou alguém que deixe a uma donzela em perigo.

Marin se encontrou sorrindo apesar dela.

— Agora, isso é algo que nunca me chamaram.

As sobrancelhas escuras dele se elevaram enquanto cruzava seus braços sobre seu grosso peito, seus braços inchados com músculos. Seu olhar passou desde suas pernas grossas, a cintura estreita, o amplo peito, e a seu rosto. Ele tinha rasgos cinzelados e o cabelo castanho chocolate que se apartava de seu rosto em um rabo de cavalo. Seus olhos verdes a estudavam silenciosamente.

— Vejo que gosta de nossa história, — disse ele depois de um momento.

Marin jogou uma olhada sobre seu ombro às ruínas.

— Penso que é triste que uma parte tão significativa da história britânica seja abandonada assim.

— Britânica, sim? — disse ele com um cenho. — Mas não todos os castelos estão derrubados?

Foi sua imaginação ou ele disse isso como uma pergunta?

—Não—, disse ela e deu volta ao castelo. Ela sentiu ao Elric mover-se junto a ela, mas não ficou muito perto.

Ela se deu conta que nunca lhe tinha dado seu nome.

— Meu nome é Marin. Marin Chapel.

Ele sorriu e se inclinou ligeiramente.

— Encantado de conhecê-la, Marin. Você tem um nome incomum.

— Os meus pais gostavam do incomum.

— Isso nem sempre é mau.

Marin tratou de ignorar o puxão que lhe produzia o corpo de Elric. Era como ele tivesse uma espécie de poder mágico sobre ela que não era capaz de desviar. Ela podia ouvir cada pausa que ele tomava, podia sentir cada olhada, e quase ouvir o batimento de seu coração.

— Sente-o, certo? — perguntou ele brandamente.

Ela saltou e o olhou. Seus lábios se separaram, mas ela não soube que responder.

— Você sente a atração da história de Escócia, — disse ele com um puxão leve de seus lábios. — Eles dizem que se pode sentir a atração da Escócia é que em outra vida foi escocês.

Marin fechou seus lábios e os lambeu enquanto tratava de recompor-se. Havia definitivamente algo sobre Escócia que a inquietava.

— Nunca escutei esse dito, mas suponho que poderia ser verdadeiro.

— Então crê em vidas passadas?

Ela encolheu os ombros e tratou de não notar quão intenso de repente ele se tornou.

— Não acredito ou acredito. Não vi nenhuma prova que me mostre que é ou não é verdadeiro.

A intensa luz de seus olhos verdes se obscureceu.

—Ah—, disse ele tristemente.

— Você crê em vidas passadas? — Marin se encontrou perguntando.

Ele assentiu com a cabeça.

— Certamente o faço. Quando duas pessoas se encontram e sente uma conexão que vai mais profundo, algo que eles possam explicar, um amor tão forte, tão verdadeiro que só poderia ser que eles fossem almas as gêmeas... então isto demonstra vidas passadas.

— Como?

Ele se girou para confrontá-la.

— Quando duas almas se encontram um ao outro, uma e outra vez em diferentes vidas, seu amor cresce mais forte, lhes permitindo encontrar ao outro mais rápido em cada vida. Isto é magia.

Ela nunca tinha pensado em nada assim antes, e isto a fez deter-se.

— Como sabe você isso?

— Vi-o, — disse ele simplesmente.

Ela jogou uma olhada ao castelo desmoronado e as ervas daninhas e a hera que cobriam as poucas pedras que permaneciam de pé.

- O que acontece às almas que não se encontram?
- Elas continuam se procurando na seguinte vida.
- Você parece muito seguro.

Ele sorriu de maneira sedutora.

- É porque o estou. Não crê no amor?

— OH, eu acredito. — disse ela. — Meus pais estavam loucamente apaixonados um do outro. Isto estava acostumava me pôr em um apuro quando era menina, mas quando cresci compreendi quão precioso meus pais tinham.

- Eles estão ainda juntos?

Marin negou com a cabeça.

— Eles poucas vezes se separavam, e isso foi assim ainda na morte. Eles morreram com umas poucas semanas de diferença, um antes do outro. Era como se papai não pudesse viver sem mamãe.

- Sinto muito.

Havia só bondade em seus olhos verdes, e Marin se deu conta que se sentia bem falando de seus pais e o amor que eles tiveram, um amor que ela duvidava que alguma vez encontrasse.

- Você crê no amor? — perguntou ela.

- Certamente.

Ele o disse com tal convicção que a deixou muda durante um minuto.

- Encontrou você a sua companheira de alma?

Ele assentiu.

Marin suspirou e se rodeou com seus braços.

— Você tem muita sorte então, — disse ela. — Não são muitas as pessoas que estão tão seguras de tais coisas.

- Vêem comigo, — disse Elric e lhe ofereceu sua mão.

Embora eles estivessem tendo uma conversação agradável, Marin não confiava nele.

- Onde?

— Às ruínas, — disse ele e tomou sua mão. — me deixe te mostrar como era o interior de um castelo.

Marin riu enquanto Elric a puxava atrás dele. E uma vez que ela entrou nas ruínas, foi como se ela tivesse passado por uma entrada invisível que trazia seus sentidos à vida. Tomou um profundo fôlego e cheirou o aroma terroso da Escócia e a história do castelo. Seu olhar vagou pelas pedras enquanto se imaginava o que o castelo tinha sido antes que ter sido destruído.

- Fecha seus olhos, — sussurrou Elric em seu ouvido quando passou detrás dela.

Calafrios correram pela espinha de Marin e através de sua pele. Nunca entrou em seus pensamentos não fazer o que lhe pedia. Podia sentir a longitude dele contra ela, seu calor rodeando-a, e seu fôlego quente soprando sobre seu pescoço. Teve o impulso repentino e quase incontrollável de inclinar-se contra ele.

— Escuta com atenção e poderá ouvir escócia abrindo seu passado até ti. O castelo está vivo com a atividade. Um fogo ruge no grande salão, os criados ralham com as crianças quando elas correm pelo corredor, e a senhora do castelo está preparando tudo para o

jantar da tarde. Seu marido entra pela porta, procurando-a no salão. Ele a encontra perto da mesa onde eles jantariam e se apressa para ela.

Marin sentia, ouvia, e via tudo o que Elric sussurrava em seu ouvido. Era como ele havia dito, Escócia havia aberto sua história a ela para vislumbrar dentro.

— O senhor está em frente a sua esposa, — continuou Elric enquanto caminhava lentamente ao redor dela.

Marin queria desesperadamente abrir seus olhos, para olhar ao Elric. Mas ao mesmo tempo ela queria ver o que o passado sustentava.

— Sua dama lhe dá um sorriso de bem-vinda, vendo o desejo e o calor nos olhos de seu marido. Ele não a leva acima como ela deseja. Em troca, ele a graceja.

Marin abriu sua boca para perguntar como o senhor gracejava a sua esposa quando sentiu ao Elric parar-se mais perto dela.

Capítulo 4

Elric estava quase desfeito pelo desejo. Ele olhava fixamente a beleza elegante de Marin. Sua pele era da cor da nata, seus olhos de um verde avelã. Ela tinha o rosto oval, alta maçãs do rosto e cheios de graça, sobrancelhas arqueadas sobre seus olhos grandes. Seu cabelo ondulado castanho caía pouco abaixo de seus ombros, e ele não queria nada mais que enterrar suas mãos em seu cabelo e atirá-la contra ele para um beijo quente.

Em vez disso, ele olhou seus lábios cheios, amplos e levantou sua mão.

— O senhor graceja a sua esposa com seu dedo, — disse ele e riscou os lábios rosado escuro de Marin. Ele a viu tremer e inclinar-se para ele. — O senhor vê a labareda de desejo de sua esposa em seus olhos e ainda assim não a leva a seu quarto.

Elric sempre tinha sido um professor da sedução, mas nunca tinha explorado sobre ele tão gravemente antes. Ele queria a Marin com uma ferocidade que o assustou. Seu pênis palpitava de desejo, e o impulso de apoiá-la contra as paredes e enterrar-se dentro dela era forte - quase muito forte para ignorá-lo.

Ele sabia que ela sentia algo pelo modo que seu corpo tremia, e não era devido ao frio. Ela poderia não compreender que eles eram companheiros de alma, mas dado o pouco tempo que tinham, ela entenderia o que os vinculava.

Por muito que ele a quisesse agora mesmo, a primeira vez com sua companheira seria em algum lugar quente e sedutor, não em meio das ruínas de um castelo onde alguém poderia encontrá-los.

De repente, os olhos de Marin se abriram. Ela procurou seu rosto e retrocedeu um passo enquanto sacudia devagar sua cabeça.

— É inútil lutar contra a atração da Escócia, Marin, — disse ele brandamente. — Uma vez que ela tocou sua alma, sempre será uma parte de ti.

— Não é com a Escócia pela que estou preocupada.

Elric sabia que a tinha assustado, mas não era ele exatamente, se não o que os conectava.

Ela tinha um olhar perdido, um olhar frágil que o fez querer tomá-la em seus braços e protegê-la do mundo. Ainda assim, ele sentiu uma grande força nela.

— Foste ferida por alguém, — disse ele de repente.

Ela se encolheu de ombros, com um olhar defensivo sobre seu rosto encantador.

— Não foi ferido cada um em um tempo ou outro?

— O que fez o bastardo?

Ela então girou lhe dando as costas. Elric se apoiou contra as pedras e esperou. O vento açoitava pelas ruínas, assobiando brandamente ao passar por eles. Era quase como se eles fossem as únicas duas pessoas no mundo, e só a risada e a música do vale abaixo lhe recordavam de maneira diferente.

— Ele me abandonou, — disse Marin então tão brandamente, que Elric pensou que não a tinha ouvido corretamente.

— O dia de nossas bodas. Ele me abandonou.

Elric apertou sua mandíbula e lutou contra a cólera que de repente crescia dentro dele.

— Disse-te ao menos por quê?

Seu cabelo castanho se balançava de um lado ao lado ao sacudir sua cabeça.

— Ele é um bastardo covarde que não te merece então.

Ela deu volta para ele, com um pequeno sorriso sobre seu rosto.

— Obrigado, — disse ela. — A maioria das pessoas somente me diz quanto o sentem, eles nunca dizem nada sobre o Johnny.

— Esse é seu nome? — disse Elric, o desgosto curvando seu lábio.

— Sim.

— Eu poderia te haver dito só por seu nome que ele não era o homem para ti.

O sorriso dela se alargou.

— É isso assim? Bem, não estou no mercado por um homem neste momento, mas estarei segura de lhe buscar quando o estiver.

Ele não foi dissuadido por sua falta de querer a atenção masculina.

— Não está ao menos um pouco curiosa de qual é o nome que eu diria?

— Um pouco. — Ela inclinou sua cabeça para um lado e o considerou um momento. — Bem, qual é o nome que diria você?

Elric empurrou as pedras com suas costas e caminhou para ela.

— Você necessita um homem que seja forte para ti. Um homem que te apóie em tudo o que faça e esteja ali para ti quando o necessitar. — Ele caminhava a seu redor, aspirando seu aroma fresco, limpo. — Necessita a um homem que te protegerá dos males do mundo, um homem que te acariciaria e amaria todos os dias de sua vida. — Ele se parou diante dela e olhou fixamente em seus olhos cor avelã. — Necessita um homem em quem possa confiar sem lugar a dúvidas.

— Não encontrei tal homem.

— Não olhaste nos lugares adequados. — Ele deu um passo mais perto dela e atirou um fio de cabelo pego em suas largas pestanas.

— Não estou procurando nada neste momento.

— Ah, não sabe o que acontece quando o destino que te busca? — ele perguntou e se inclinou perto até que sua boca estava a centímetros da dela.

Marin tratou de ocultar sua decepção de não ser beijada enquanto Elric girava e se afastava. Durante um longo momento ela ficou vendo como ele voltava para o festival e desaparecia na multidão.

Ela olhou as ruínas e ainda podia sentir ao Elric a seu lado, seu calor acalmando-a.

— Perdi a cabeça, — disse a si mesma em voz alta. Devia ser a Escócia e sua história que a faziam sentir coisas que não eram normais. Ao menos era a única explicação que ela podia pensar.

Ela temia ao Elric. Ele era intenso e sedutor e completamente muito encantado para seu próprio bem. E malditamente formoso também. Isto era uma combinação mortal, sobre tudo para o Marin.

* * * *

Marin se deteve ante sua reflexão e se perguntou por sua sanidade mental. Tudo o que ela tinha pensado o resto do dia no festival tinha sido em Elric. E não importava quantas vezes tinha jogado uma olhada por aí o buscando, não o tinha encontrado. Era como se ele

tivesse desaparecido. E enquanto ela se vestia para o jantar, convenceu-se que Elric tinha sido só um invento de sua imaginação.

Ela olhou seu reflexo no espelho e observou atentamente a saia longa, negra e prata, e o suéter negro entalhado, um de seus conjuntos mais agradáveis que tinha trazido. Não estava segura de por que tinha decidido vesti-lo já que somente jantaria com a Rhonda, mas se havia sentido bem. Ela inclusive se pôs os brincos negros e prata e o colar. Marin nunca tinha sido alguém que mentisse a si mesma, e a pobre tentativa de dizer-se que ela estava vestindo assim de agradável para impressionar a Rhonda era uma mentira muito ruim. Ela se estava vestindo com a esperança de ver o Elric.

Houve uma rápida batida na porta que comunicava seu quarto com o da Rhonda antes que se abrisse e Rhonda entrasse. Ela assobiou e parou a seu lado.

— Então realmente conheceu um homem hoje.

Marin franziu o cenho.

— Por que diz isso?

— Uma mulher não se veste assim a não ser que tenha um encontro. Vê-te fabulosa, carinho. Quem é o homem? Estava no festival?

Marin se afastou do espelho e foi ao armário para encontrar seus sapatos. Calçou umas longas, altas botas e subiu o zíper.

— Sou uma idiota. Não estou pronta para um encontro, para ter um jantar, para ter sexo. Nada. Não estou pronta para nada.

— É por isso que está vestida em um conjunto assassino que faria a um santo babar? — Perguntou Rhonda, com seus braços cruzados sobre seu peito e suas sobancelhas levantadas.

Marin suspirou ruidosamente.

— Realmente não sei. Sim, encontrei a alguém. Ele era muito diferente, Rhonda. Ele era formoso, intenso, sedutor e oh, tão atrativo. Era como se não importasse com quanta força tratasse de arrancar dele, havia um laço invisível que me levava de volta.

— Então deixa de lutar, — disse sua amiga enquanto se sentava a seu lado no pequeno sofá. — Merece alguma felicidade, e se um formoso Escocês, que vestindo um kilt está interessado, então corre não caminhe, para ele.

Ela riu das palavras da Rhonda e deu um abraço a sua amiga.

— Obrigado, — disse e se retirou.

— De nada.

— Não, — disse Marin e tomou suas mãos. — Obrigado por tudo. Por não me dizer quão estúpida fui ao não ver como era Johnny, por não me dizer "*disse-lhe isso*", e por não deixar me derrubar em minha auto-piedade quando voltei para o Texas.

Rhonda se encolheu de ombros e piscou para manter longe as lágrimas.

— Para que são os amigos? Além disso, nós sempre dizíamos que visitaríamos Grã-Bretanha juntas.

Marin riu.

— É a melhor, Rhonda.

— OH, bem, — disse Rhonda e se levantou. — Pare com isto agora ou ambas estaremos babando como idiotas e terá que voltar a te maquiar.

Marin parou para passar seu batom.

— Porventura não jantará comigo, né?

— Não, — disse Rhonda, com cara de "sinto muito". — Tenho um compromisso com Lachlan, o atrativo escocês.

— Bom —, disse Marin. — divirta-se e tome cuidado.

— OH, farei-o. — Rhonda tomou seu casaco. — Não faça nada que eu não faria, — lhe gritou enquanto voltava a seu quarto.

Marin suspirou e saiu de seu quarto. Era muito ruim que a pequena estalagem não tivesse serviço de quarto. Não lhe agradava comer sozinha, mas tinha que comer. Era passado das sete quando baixou lentamente pela escada. Ela deixou a seus olhos explorar a sala de jantar/bar quando alcançou o piso inferior.

O salão estava lotado, mas não muito ruidoso. Encontrou uma mesa vazia perto da grande chaminé e caminhou para lá. Sentou-se, e imediatamente uma garçonne jovem estava ali pronta a tomar seu pedido. Marin pediu uma taça de vinho e o especial da noite que era uma espécie de guisado.

Marin não teve que esperar muito tempo antes que o vinho fosse colocado diante dela. Bebeu a sorvos seu vinho e olhou fixamente no fogo enquanto recordava sua conversação com o Elric. Palavra por palavra. O fato era que ela tinha querido seu beijo, havia-se sentido privada quando ele a deixou, e a fez tomar consciência dela mesma. Nenhum homem a tinha deixado sentindo-se tão... quebrada. O fato que ela quisesse a companhia de Elric agora, escutar seu acento harmonioso e sentir seu calor a fez querer precipitar-se a seu quarto.

Inclinou-se para trás em sua cadeira e o sentiu. Alguém a observava. Lentamente, Marin deixou vagar seu olhar pelo salão até que o viu no canto sozinho. Elric lhe sorriu e assentiu ligeiramente em sua direção.

Havia algo a respeito de seu olhar selvagem que fez com que seu coração golpeasse e seu estômago desse um tombo. Quando ele de repente ficou de pé e caminhou para ela, o estômago de Marin seguiu revoando enquanto ela ficava cada vez mais nervosa.

— Comendo sozinha? — Elric disse quando a alcançou.

Ela assentiu com a cabeça e olhou para a cadeira à frente dela.

— Quer se juntar a mim?

— Sim. Obrigado. — Ele retirou a cadeira e se afundou nela. — Assusto-te? — perguntou ele, seu rosto sério.

Marin olhou fixamente ao homem sentado frente a ela. Ele não era o típico homem do século vinte e um. Enquanto a maioria tinha trocado seu kilt que vestiam no festival por jeans e um suéter, Elric ainda levava seu kilt.

Ela lambeu seus lábios e tratou de formar uma resposta a sua pergunta.

— Faz-o, e não estou segura por que. Não é somente porque fui ferida. Sinto-me diferente quando estou ao seu lado.

— Diferente como?

— Não posso explicá-lo.

Ele sorriu e se inclinou atrás em sua cadeira.

— Tem fome?

Ela tinha, mas não de comida. Marin quase caiu de sua cadeira por seu pensamento. Ela desviou os olhos do verde olhar de Elric e pousou em suas mãos.

— Não realmente.

— Bem, — disse ele e de repente se levantou. Ele tomou sua mão e a pôs de pé. — Vêem comigo.

— Aonde vamos? — perguntou ela, um pouco assustada, embora excitada ao mesmo tempo. Ela nunca tinha sido tão impulsiva ou aventureira.

O entusiasmo diminuiu quando eles deixaram o pequeno hotel. O frio do dia se foi, e em seu lugar uma noite bastante úmida e fria tinha descido sobre Escócia. Marin tremeu e se envolveu com seus braços. Ela necessitava sua jaqueta.

— Montas?

Ela se deu volta e olhou ao Elric.

— Montar? Montar o que?

Ele riu em silêncio e agarrou sua mão outra vez enquanto começou a andar ao redor do hotel.

— Cavalos, Marin. Cavalos.

— Sou do Texas, certamente que monto cavalos.

— Bem, — foi todo que ele disse enquanto continuava.

Eles não se detiveram até que chegaram ao celeiro atrás do hotel. Elric liberou sua mão o tempo suficiente para abrir a porta do estábulo, logo a fechou atrás dela. Marin inalou o aroma dos cavalos e sorriu. Ela sempre tinha amado os cavalos.

Seguiu lentamente ao Elric enquanto andava pelo estábulo até que ele chegou ao fundo.

Ali, um jovem de pé sustentava um cavalo. Um cavalo. Esperava Elric que ela montasse a cavalo sozinha? Se assim fora, ele estava frente uma dura desilusão.

Ele aplaudiu ao jovem sobre o ombro e tomou as rédeas dele, logo girou para Marin.

— Está preparada?

— Quem vai montar a cavalo?

Aquela risada sedutora, reservada de Elric retornava.

— Ambos o faremos.

O fôlego de Marin se alojou em sua garganta. Ninguém nunca tinha feito nada tão romântico, tão sedutor, tão... considerado por ela.

Ela tomou a mão de Elric e o deixou levantá-la no cavalo antes que ele montasse detrás dela. Seus grossos braços a rodearam e sustentou as rédeas.

— Confia em mim? — ele perguntou em seu ouvido.

Para sua surpresa ela disse.

— Sim.

Com isso, ele esporeou ao cavalo e saíram ao meio galope do estábulo ao ar fresco da noite. Ela se deixou apoiar para trás contra o amplo peito de Elric enquanto ele manobrava o cavalo. A cada passo do cavalo ela se fazia cada vez mais consciente de Elric e seu corpo que rodeava o seu. Suas pernas largas moldadas a ela, facilmente conduzindo o cavalo. Seu traseiro se esfregava contra sua virilha, e não havia nenhum engano sobre o duro vulto que ela sentia.

Só de saber que ele a desejava fazia que seus mamilos se endurecessem e se instalasse a umidade entre suas pernas. Seu quente fôlego soprou em seu pescoço e sua bochecha quando ele envolveu um braço ao redor de sua cintura mantendo-a perto. Seu braço, posto justo sob seus seios, era quase muito para suportar.

Ela o desejava, desejava sentir suas mãos sobre seus seios. Seu corpo era uma massa de nervos que tremiam no momento que ele deteve o cavalo. Durante um longo momento eles somente permaneceram sentados em silêncio, e foi assim quando ela finalmente notou onde estavam - as ruínas do castelo.

Quando Elric desmontou do cavalo, Marin imediatamente sentiu saudades de seu calor. Ela não tinha notado o frio enquanto o corpo de Elric a rodeava, mas agora o frio rapidamente penetrava em seus ossos. Ofereceu-lhe seus braços, e ela se moveu para eles. Devagar, ele a baixou deslizando-a por seu corpo, seus olhos cravados nos seus. Mas ela não podia apartar o olhar. Ela se afogava em suas profundidades verdes e no desejo que via ali.

Os dedos de Elric se entrelaçaram com os seus enquanto ele a conduzia às ruínas. Ela não tinha notado a parte traseira do castelo antes, a parte que não tinha sido demolida. Não foi até que Elric a conduziu à escada que ela viu que a parte do castelo ainda poderia ser habitável.

Uma tocha estava montada na base da escada, e Elric a agarrou enquanto subiam.

Pela ascensão estreita, Marin sentia como se ela voltasse no tempo. A luz da tocha jogava sombras sobre a parede, mas não a assustaram. Ela sabia que Elric a protegeria. Ele era seu guerreiro.

E quando ele parou diante de uma porta e a confrontou, a tocha sustentada em alto derramando sua luz, ela soube que havia dentro.

— Sabe por que te trouxe aqui? — perguntou ele.

— Sim.

— Se quer ir, diga-me isso agora e te devolvarei à estalagem.

Em resposta, ela abriu a porta e deu um passo dentro. Seu coração se agitou em seu peito quando viu a multidão de velas e o montão de mantas no chão. Seu corpo tremeu por um desejo tão profundo e forte que se perguntou se ela alguma vez seria a mesma depois desta noite.

Capítulo 5

Elric fechou a porta e pôs a tocha em seu suporte perto da porta, logo se voltou para confrontar ao Marin. Ela parecia uma deusa à luz de tantas velas. Estava magnífica, com o desejo refletido em seus olhos.

Ele deu um passo para ela e se perguntou se deveria lhe dizer tudo antes de lhe fazer o amor, ou deveria esperar até que seu corpo fosse satisfeito pelo amor. Ela respondeu sua pergunta silenciosa quando lhe ofereceu suas mãos.

Fazer o amor com mulheres sempre tinha sido a segunda natureza de Elric, mas esta vez... esta vez era diferente. Marin era diferente. Ela era sua companheira, e ele queria que sua primeira vez fora algo que eles sempre recordassem e entesourassem.

Quando sua mão tomou a dela, ele se notou tremendo ligeiramente. Seu sangue golpeava forte em seus ouvidos, e seu coração pulsava desordenadamente em seu peito enquanto seu inchado pênis pedia alívio. Ele a atraiu para si com cuidado até que seus corpos quase se tocaram. Seus olhos se moveram por seu encantador rosto e se detiveram em sua boca.

Os lábios de Marin estavam separados e seu peito se elevava e caía rapidamente, como se ela também antecipasse o que havia entre eles. À distância os sons suaves de um alaúde e um violino encheram o ar. Elric enlaçou seus dedos com os seus e começou a mover-se com a música. Seus olhos nunca abandonaram seu rosto, nem sequer quando ela fechou os seus e se balançou com ele.

Elric não soube por quanto tempo se moveram com a música como se um feitiço se cobriu ao redor deles. Tudo o que ele soube foi que estava a sós com o Marin, sua companheira, e ele ia reclamar a ela e a seu corpo como deles.

Lentamente, ele passou suas mãos por seus braços, sobre seus ombros, chegando a seu magro pescoço. Ele tomou seu rosto com suas mãos e com cuidado percorreu seus lábios com seu polegar. Seu fôlego quente lhe roçando sobre sua pele, esquentando seu sangue já quente. Ele queria despi-la, posá-la sobre as mantas e mergulhar-se nela. Sua necessidade dela tinha crescido até que isto quase o afogava. Ele baixou sua cabeça até que seus lábios tocaram os dela. Um sorriso atirou de sua boca quando ele ouviu como Marin tomava um profundo fôlego.

As mãos dela descansavam brandamente em sua cintura enquanto se inclinava para ele. A sensação de seus seios cheios pressionados contra seu peito fez que seu pênis se agitasse em antecipação. Ainda, de algum modo ele se conteve.

Ele riscou com sua língua onde seus polegares tinham estado antes, onde brandamente tinha beliscado as comissuras de sua boca.

— Elric... por favor, — murmurou Marin.

Ele moveu seus braços até embalar sua cabeça com um, e o outro o moveu por suas costas pressionando-a fortemente contra ele. Então, tomou em um beijo que sustentava todas suas esperanças, desejos, e necessidade.

Os braços dela se moveram por suas costas enquanto suas unhas rastelavam através dele. Um suspiro escapou de seus lábios quando apoiou sua cabeça para um lado e empurrou sua língua contra a de Elric. Elric rompeu o beijo e olhou profundamente dentro de seus olhos cor avelã. Ele alisou as mechas de cabelo de seu rosto levando-os para trás, e se

encontrou querendo lhe contar tudo sobre a maldição, seu reino, e o papel dela nisso. De repente se fez muito importante para ele que ela soubesse tudo antes que ele tomasse seu corpo, porque uma vez que eles se unissem, não haveria volta atrás.

— Marin, devo te dizer algo, — começou ele, mas ela pôs seu dedo sobre seus lábios para detê-lo.

— Não agora, — disse ela brandamente. — Não sei se é esta terra, a história, você, ou a magia desta noite, mas não quero falar. Quero sentir. Faça-me esquecer o mundo exterior, Elric, inclusive se for só durante umas horas.

Elric não estava podia negar-lhe não quando viu o olhar de necessidade em seus olhos cor avelã. Ele tomou sua mão e a conduziu ao montão de mantas que ele tinha preparado para eles. Uma vez que ela se sentou, ele se ajoelhou diante dela e tomou um pé. Ele tratou de tirar o sapato, mas este não se movia. Não foi até que ela alcançou um pequeno artefato no lado da bota e o atirasse para baixo que ele foi capaz de lhe tirar a bota. Ele encontrou o pequeno artefato no outro sapato e o atirou para baixo, ouvindo o suave som enquanto o fazia.

Uma vez que tirou ambas as botas, ele olhou para baixo para encontrar suas pernas revestidas em meias de lã. Ele levantou suas sobancelhas.

— O ar não é tão frio para gelar-se.

— É para mim. Não estou acostumada a este frio.

Ele se esqueceu das meias de lã enquanto se movia para ela para outro beijo. Seus lábios lhe pareceram o néctar dos Fae. Ele não poderia alcançar a saciar-se de sua doçura. Com cuidado, ele se inclinou para ela até que Marin se apoiou atrás sobre as mantas, e embora ele quisesse cobrir seu corpo com o seu não o fez. Ele se apoiou com seus braços, aproximando-se um pouco mais a ela enquanto beijava seus lábios uma e outra vez.

Ele trocou sua posição ficando ao seu lado enquanto a beijava ao longo de seu pescoço e lhe beliscava as orelhas. Sua mão se moveu aos botões de seu suéter. Quando os deixou abertos, ele levantou sua cabeça e olhou fixamente seu corpo. Uma peça negra e prata sustentavam seus seios. Ele se encontrou cativado e percorreu a parte superior do encaixe.

Um suave suspiro passou pelos lábios dela. Elric lhe jogou uma olhada e sorriu.

— O que é isto?

— Um sutiã, — disse ela e lambeu seus lábios. Em sua mente algo a fez compreender que ele deveria ter sabido o que era, ainda assim, ela estava muito acesa para perguntar. — Isto ajuda a... sustentar-me.

— Humm, — murmurou ele enquanto se inclinava e beijava o topo de cada peito.

O sutiã não só era formoso, se não que Elric o encontrou bastante... erótico. As mulheres de seu tempo não levavam nada como isto, e embora ele quisesse inspecioná-lo, ele queria mais é provar seu peito.

Tirou-lhe a blusa de seus ombros, logo a sentou até tirar-lhe completamente. Para sua surpresa, Marin alcançou suas costas e desatou seu sutiã. O fôlego de Elric se fechou em seu peito quando o encaixe desapareceu de seus seios. A luz das velas punha um brilho suave a sua pele, e, enquanto ele olhava, os mamilos de Marin se endureceram ante seus olhos.

Ainda, quando ele a quis tomar, ela se apressou a parar-se. Ele se deu volta para ver que ocorria e a encontrou manobrando sob sua saia. A curiosidade ainda o manteve quieto, e não passou muito tempo antes que ele visse como ela se tirava suas meias de lã. Deu-lhe um sorriso tímido. Em troca, ele se inclinou atrás se apoiando em suas mãos e deixou a seus olhos vagar sobre ela.

— Te tire a saia, — disse ele.

Nunca uma mulher tinha tirado a roupa para ele, e percebeu que gostava bastante.

Enquanto Marin desatava sua saia e a deixava cair a seus pés, ele cavou seus dedos nas mantas para manter-se quieto.

Mais um encaixe negro e prata ocultavam seu sexo dele, e tal como com o sustento, ele encontrou que a silhueta do cabelo de sua mulher apenas visível através do encaixe era quase mais do que ele podia suportar.

Ele se sentou e a alcançou. Elric correu suas mãos sobre o encaixe e a olhou.

— Sabe o que me faz isto?

Ela sacudiu sua cabeça enquanto se lambia seus lábios. Seus cachos castanhos dançavam ao redor de seu rosto enquanto o olhava fixamente.

— A visão disto escondendo seu sexo de mim me leva a loucura. Quero te estender e me enterrar dentro de ti.

— Estas são calcinhas, — disse ela, com voz trêmula.

— Estas se vão.

Elric agarrou a cintura de suas calcinhas e as atirou de seus quadris e as desceu por suas pernas até que ela as apartou com o pé. E então ela esteve de pé ante ele em toda sua glória. Com seus seios cheios, a cintura nítida, os quadris fascinantes, e suas pernas longas, Marin era próxima à perfeição aos seus olhos.

— É magnífica, — disse ele enquanto tratava de atirá-la para baixo.

Ela sacudiu sua cabeça e sorriu quando se agachou diante dele e começou a lhe tirar suas botas. Elric olhou como suas mãos gentilmente atiravam delas, logo foi por sua túnica.

Ele desatou o alfinete que sustentava seu tartán no lugar sobre seu coração e o deixou de lado. Tomou fôlego quando suas mãos suaves encontraram sua carne enquanto tirava sua túnica por sobre sua cabeça. Durante um comprido momento, eles simplesmente ficaram olhando o um ao outro, então Elric se levantou.

Com Marin ajoelhada diante dele, ela desatou seu sporran e o baixou com cuidado. Seu olhar se fixou brevemente em Elric antes de alcançar seu kilt. Depois de um momento, ele se deu conta que ela não sabia o que estava fazendo, e com apenas um rápido movimento de sua cintura, o kilt caiu ao chão. Ele sorriu quando os olhos dela se abriram pelo assombro.

— Você realmente não leva nada sob o kilt.

— Não, — disse ele e se sentou ao lado dela. Ele levantou seu queixo até que seus olhos encontraram os seus. — Desejo-te, Marin. Não mentirei sobre isso, mas te darei uma oportunidade mais para mudar de parecer e partir.

— Quero ficar. Eu gosto como me sinto quando estou contigo.

Ele tomou por trás de sua cabeça e a puxou para um beijo ardente que logo girou frenético pela necessidade. Seu pênis rogava por alívio, mas ele manteve firme seu controle e estudou o corpo de Marin.

Sua pele era suave como a lã do cordeiro e seu corpo respondia como só uma companheira poderia fazê-lo

Marin fechou seus olhos e se rendeu à deliciosa sensação das mãos e a boca de Elric sobre seu corpo enquanto ela caía e ele se movia sobre ela. Ele sabia justo como tocá-la e onde tocá-la. Era como se ele tivesse cavado em suas fantasias mais profundas e as estivesse entregue a ela em uma noite.

Seus seios se puseram pesados enquanto os dedos de Elric os roçavam por debaixo e sua boca beijava seu pescoço. O calor de seu corpo a rodeava e seu toque a voltava selvagem. Ele brincava, beijava, e lambia seu pescoço e por todo seu seio. Tudo exceto seus mamilos.

Ela se estava voltando louca de necessidade. Suas mãos percorriam seus amplos ombros e pescoço enquanto seus músculos se moviam sob suas mãos. Ela arqueou suas costas quando um dedo de Elric chegou perto de seu mamilo, e justo quando ela pensou que finalmente lhe daria algum alívio, ele se afastou.

Marin se mordeu um lábio e suspirou quando a cálida boca de lhe beijou entre o vale de seus seios. Finalmente, ele tomou seus seios com suas mãos, enviando diminutos espasmos de prazer por ela. E já quando ela pensava que morreria pela necessidade, ele passou brandamente seus dedos por seu mamilo.

Um grito suave se rasgou de sua garganta quando o desejo se disparou por ela. Como se a atormentasse, ele fazia correr seu dedo por todo o redor de seu mamilo, às vezes tocando, às vezes não. Ele atormentou primeiro um peito, logo o outro, até que seus seios lhe doeram e se incharam. Só então ele tomou um mamilo em sua boca e o chupou.

A sensação de sua boca quente sobre seu mamilo enviou um calor líquido ao sexo de Marin. Seu sexo se contraiu de desejo, e ela esfregou seus quadris contra ele, procurando a liberação que ela sabia que ele podia lhe dar.

Mas a tortura aos seus seios estava longe de terminar. Ele estalava sua língua sobre um mamilo enquanto seus dedos apertavam e atiravam do outro. Os dedos dela se inundavam em seu espesso e escuro cabelo enquanto seu corpo se derretia contra ele.

Quando ele se sentou e arrastou uma mão sobre seus seios e abaixo por seu estômago, Marin abriu seus olhos para olhá-lo. O modo em que ele olhava seu corpo a fez sentir-se formosa e amada, algo que ela nunca tinha experimentado antes.

Marin não sabia se estava assombrada ou excitada pela facilidade com a qual seu corpo respondia a Elric e quanto ela confiava nele. Quando ele separou suas pernas, ela não vacilou nem se recusou. Ela as abriu, deixando que o olhar dele contemplasse seu sexo. A visão de seus olhos dando de presente sobre seu sexo faminto fez ferverem seu sangue de desejo. Ela queria ser tudo o que Elric pensava que era e mais. E a única coisa que ela temia, era decepcioná-lo.

Ela esqueceu tudo sobre seus medos quando suas mãos se moveram sobre suas coxas. E tal como ele tinha feito com seus seios, ele brincou outra vez. Suas mãos tocaram suas coxas, seu estômago e seus quadris, mas nunca o lugar que mais lhe interessava. Suas mãos apertaram as mantas enquanto lutava por manter seu corpo quieto.

Seus sentidos estavam em um distúrbio. Ela podia ouvir seu sangue golpeando em suas veias, seu fôlego deixando seus pulmões e seu coração pulsando desordenadamente em seu

peito. Ela podia sentir o calor do corpo de Elric, seus músculos firmes e suas suaves carícias sobre sua pele. Ela inclusive podia saborear a sedução e o desejo no beijo de Elric.

Assim quando seu dedo finalmente se enterrou em suas dobras úmidas, ela não conteve seu grito de prazer. Seu dedo se moveu sobre seu pequeno botão, trazendo ondas de prazer disparando-se por ela. E quando ele empurrou um dedo dentro dela, Marin suspirou.

Ele se colocou entre suas pernas, seu fôlego soprando sobre seu centro quente e úmido a voltou louca. Marin podia sentir o prazer crescendo com cada golpe de seu dedo dentro dela, levando-a mais e mais alto. E quando a língua de Elric tocou seu diminuto broto, ela se rompeu em um milhão de pedaços quando seu orgasmo a reclamou.

Antes que o último dos tremores abandonasse seu corpo, Marin abriu seus olhos para ver o Elric subindo sobre ela, seu volumoso membro pronto para entrar nela. Ela sorriu e foi por ele. Ele entrou nela em um movimento fluido, enterrando-se até o punho. Ela pôs suas pernas ao redor de sua cintura e o esperou para que Elric alcançasse seu próprio clímax.

Mas quando ele começou a mover-se dentro dela, Marin se sentiu indo para outro orgasmo. Seus embates foram mais profundos, mais rápidos, e mais duros. Ela se pegou a ele enquanto seu mundo começou a girar fora de controle. Seu corpo estalou em uma onda gigante de prazer intenso.

Elric se inundou profundamente dentro dela antes de ficar rígido gritando seu prazer.

Capítulo 6

Os olhos de Marin começaram a ficar pesados enquanto ela jazia sobre o peito de Elric, seu braço ociosamente acariciando suas costas. Ela sorriu ante o delicioso ato que eles tinham compartilhado. Ela não era o suficientemente ingênua para pensar que isto acontecia todos os dias. Ela sabia de primeira mão quão afortunada era de ter encontrado a alguém como Elric, mas tampouco esperava que ele ficasse.

Ela tinha que voltar para os Estados Unidos em só uns dias. Mas durante este tempo, ela o passaria com o Elric tudo o que ele quisesse.

Somente pensar em deixar Escócia e a Elric parecia... equivocado.

— O que há sobre os dedos de seus pés? — perguntou Elric de repente.

Marin se apoiou e levantou seu pé.

— Nada.

— Tem os dedos pintados dos pés.

Ela riu bobamente e se tornou para trás sobre seu peito.

— Pinte-me as unhas dos pés, se for isso ao que te refere.

— Faz isso freqüentemente?

Ela encontrou estranha sua pergunta, e assim quando ela pensou que durante a noite ele não soube o que eram um sutiã e umas calcinhas, ela sabia que algo não estava bem.

— Elric, posso te perguntar algo?

— Sim. E responderei sinceramente.

— É da Escócia?

— Sim.

Marin se sentou e o olhou. Em certa época em sua vida, ela teria puxado a manta até cobrir sua nudez, mas ela se sentia bem com seu corpo ao redor de Elric.

— Como é que não sabe de meu sutiã e minhas calcinhas? E do esmalte de unhas?

Ele suspirou profundamente e passou uma mão por seu rosto antes de sentar-se.

— Nosso encontro não foi um acidente.

— O que quer dizer? Estiveste me espreitando?

Elric franziu o cenho.

— Não sei o que quer dizer. Estive lhe buscando, sim.

— Por que eu? Não sou alguém especial ou famoso.

— Não me importa se for renomada ou não. Se não por especial, você é muito especial para mim e meu reino.

Marin piscou.

— Disse reino?

— Sim. Sou de Escócia, Marin, mas não da Escócia que você conhece.

— Está-me assustando.

Elric ficou de pé e alcançou seu kilt.

— Essa não é minha intenção. Há tanto que devo te dizer, mas não sei por onde começar. Eu tinha pensado que isto seria mais fácil.

— Só me diga isso, por favor. — Já que ele se estava vestindo, Marin tomou seu sutiã e suas calcinhas e os pôs então se apressou em terminar de vestir-se. Ela estava fechando o

zíper de suas botas quando olhou para cima para encontrar ao Elric ganhando coragem contra uma das janelas enquanto olhava para fora.

— Minha família está maldita, Marin. É uma maldição que provavelmente nunca romperemos.

Marin se considerava a si mesma uma pessoa realista, mas ela não duvidava do inexplicável como fantasmas, vampiros, bruxas, e essas coisas.

— Por que foram malditos?

— Meu antepassado se meteu onde não deveria havê-lo feito.

Agora sua curiosidade era perto de explodir.

— Metido com quem?

Lentamente, Elric se girou da janela para confrontá-la.

— Os Fae.

— Os Fae. — Marin não estava segura do que ela tinha esperado que ele dissesse, mas não era isso. — Como em faeries (fadas)?

— Sim.

Ela tinha duas opções. Ela podia acreditar que Elric se escapou de alguma clínica psiquiátrica ou realmente acreditar que existiam os Fae. Já que ela não queria pensar que tinha experimentado o melhor sexo de sua vida com um paciente psiquiátrico, ela optou por lhe acreditar. — Pode prová-lo?

Elric riu em silêncio.

— Sim. Sei que parece como se estivesse louco, mas não o estou.

— Está bem. Então, há Faes e sua família foi maldita. Então, como foram malditos?

Ele se apoiou para trás contra as pedras e cruzou seus braços sobre seu peito.

— Está tomando tudo isto muito bem.

— Agora mesmo estou escutando. Formarei uma opinião mais tarde.

— Isto só vai piorar, mas lhe direi isso tudo.

Deu-lhe um sorriso alentador.

— Bem.

— A fim de que meu reino, Drahcir, e sua gente sobrevivam, cada geração deve deixar o reino em busca de suas companheiras. Dá-nos uma certa quantidade de tempo no qual devemos encontrar e convencer a nossas companheiras de voltar conosco ao Drahcir. As companheiras devem voltar conosco por sua própria vontade.

Marin tragou.

— Companheiras? Como em companheiros de alma?

— Sim.

— Você esteve procurando a sua companheira?

Ele assentiu com a cabeça e deixou cair seus braços.

— Eu estava procurando. Encontrei minha companheira, Marin. É você.

As palavras evitavam a Marin. Ela só podia olhar fixamente a Elric, perguntando-se se agora era ela a paciente psiquiátrica já que em realidade lhe acreditava.

— OH, Deus, — sussurrou e pôs sua mão em sua cabeça. — me deixe ordenar isto, porque devo ter entendido mal alguma parte.

Ela lambeu seus lábios e juntou suas mãos diante dela enquanto começou a passear-se.

- Sua família foi maldita. Por um Fae. Por que...
- Por que o idiota quis ver se podia fazer que uma princesa Fae se apaixonasse por ele.
- Deduzo que ela o fez ou não haveria uma maldição, — disse Marin enquanto lhe jogava uma olhada. — Você deve voltar para seu reino, Drahcir, com sua companheira antes de um certo tempo?
- Correto.
- Marin deixou de passear-se.
- Deixei algo fora?
- Não. Mas há mais.
- Ela não sabia quanto mais poderia tomar. Ela se moveu para parar-se frente a ele.
- Qual é o resto?
- Marin, você me perguntou se eu era de Escócia, que o sou, mas não me perguntou de quando venho.
- Isso explicaria o sutiã, as calcinhas e o esmalte de unhas.
- O que? — perguntou ele.
- Ela sacudiu sua cabeça.
- Sinto muito. Às vezes falo sozinha. É um mau hábito.
- Há piores, — disse ele com um sorriso.
- Ela tratou de lhe devolver o sorriso, mas estava muito ocupada tratando de dirigir toda esta informação.
- Então, de quando vem?
- É um pouco mais difícil de responder que isso. Drahcir não só foi maldito, se não também foi oculto do mundo conhecido.
- Quando? Elric. Devo saber quando.
- O tempo corre de maneira diferente em meu reino. Estive fora quase três anos, ainda assim, o tempo quando voltar só terão sido uns meses.
- Marin se afundou nas mantas.
- A única explicação é que tenha viajado no tempo até aqui.
- Fiz-o, sim, — respondeu ele. — Um Fae me ajudou já que alguém lhe assegurou que minha companheira não estava em meu tempo.
- Ela se esfregou a frente quando uma dor de cabeça começou a desenvolver-se.
- Estou confusa.
- Sei, — disse Elric com um profundo suspiro. — Estou fazendo uma maldita confusão disto.
- Não. É que é somente muito para eu digeri-lo. Trata de me explicar à parte da viagem no tempo outra vez.
- Elric se moveu até que se sentou frente a ela sobre as mantas.
- Drahcir está oculto profundamente nas montanhas Ben Nevis.
- Essas são as montanhas mais altas em Escócia.
- Sim, e bastante congeladas também. Quando fomos malditos, a Fae também ocultou nosso reino. Com ele estando tão profundamente nas montanhas, muita gente nem sequer

desafia a aventurar-se nelas. Podemos ir e vir se quisermos, mas nunca podemos compartilhar a localização do reino. Se qualquer forasteiro alguma vez o descobrisse...

— Seu reino já não seria seu.

— Sim, — disse ele assentindo com a cabeça. — Por gerações, fomos capazes de nos aventurar fora de nosso reino, sem importar o ano no que nós saíssemos, mas sempre tinha passado que nossas companheiras estavam naquele tempo. Somente tínhamos que as encontrar.

— E elas estavam sempre na Escócia?

Ele assentiu.

Marin se estirou para um lado e se apoiou sobre seu cotovelo.

— Agora, a mulher do século vinte e um que há em mim me diz que isto é uma baboseira.

— Uma o quê? — ele perguntou confuso.

— Não acreditável, — respondeu ela. — Se você e seu reino fossem malditos, não pensa que é um pouco conveniente que vocês possam aventurar-se para fora em qualquer tempo dado e que suas companheiras lhes esperarão? E na Escócia também?

— Faz que soe fácil, mas na verdade, não é nada disso. Nos três anos que procurei, não consegui te encontrar. Restou a um Fae descobrir que alguém te tinha movido a este tempo. Os Fae se supõe que não interferem, ainda assim Aimery o fez.

— Por que o fez? O que acontece outro Fae averigua que ele te ajudou?

— Aimery é o comandante do exército Fae e é um Fae muito poderoso. Ele responde só ante o rei e a rainha.

Marin quase fez rodar seus olhos.

— Então, se ele pode te mudar através do tempo, por que não pode ele apagar a maldição?

— Ninguém pode. Uma vez que um Fae te amaldiçoa, isto dura até que eles digam outra coisa.

— Você e sua família não podem dirigir-se a esta princesa Fae e corrigir quão mau seu antepassado fez?

Elric riu em silêncio.

— Se fosse assim de fácil... Essa princesa Fae desapareceu depois de que ela pôs a maldição, nunca foi vista ou se ouviu dela outra vez. Uns dizem que se converteu em um Fae escuro, outros que morreu. Perguntamos aos Fae muitas vezes, ainda assim ninguém pode nos dar uma resposta.

— Wow. — Marin se deitou nas mantas e olhou o céu do castelo. — Que confusão.

— Essa é uma maneira de colocá-lo. Tem mais pergunta para mim?

Ela tinha várias, mas nenhuma que ela estivesse pronta a perguntar ainda. Ela ainda se cambaleava na parte da companheira que deve voltar. E embora ela tivesse desfrutado enormemente de fazer o amor e da conversação, isto não significava que ela estivesse nem sequer perto de estar pronta de ir onde fosse mais que sair para jantar com ele.

Marin se sentou e lhe dirigiu um sorriso.

— Tive uma noite encantadora, obrigado, mas penso que estou pronta para voltar para meu hotel.

Ele se sentou com ela, e o pesar em seus olhos verdes enviou um sinal de advertência a sua cabeça.

— Não pode fazer isso, Marin.

Capítulo 7

Elric viu o medo nos olhos cor avelã de Marin e o lamentou imediatamente.

— Há muito ainda do que temos que falar, — disse ele rapidamente. — Se te deixo voltar agora, pode ser que te parta e se partir, volto sem uma companheira, minha cidade e toda sua gente desaparecerão.

— O que? — gritou ela parando subitamente. — por que está mentindo? Eu gosto de você Elric. Eu inclusive tinha esperado ver-te outra vez, mas suas histórias me estão espantando.

Ele sabia que estava fazendo uma confusão de tudo e lamentava não ter a fala suave de Lucian para ajudá-lo agora, mas seu dom tinha sido a sedução, não a conversação. Ele ficou de pé e caminhou à janela onde olhou para o povo.

— Não te estou mentindo. Nada do que te disse esta noite foi inventado.

— Então me deixe ir.

Ele deixou cair sua cabeça contra as pedras frias. Como desejava lhe pedir a seu pai algum conselho.

— Não posso.

—Por favor —, gritou ela e se moveu para a porta.

Elric queria deixá-la partir, ver em seus olhos a confiança que alguma vez lhe teve. Ele não podia levá-la a Drahcir a menos que estivesse disposta, e ela estava certamente tudo menos disposta. Ainda assim, ele tampouco podia deixá-la aqui. Se ele queria que ela confiasse nele, ele ia ter que confiar nela também.

— Antes de te levar de volta, devo lhe dizer o resto, — disse enquanto se voltava para confrontá-la.

— Há mais? — perguntou ela, seus olhos abertos.

Ele assentiu.

— Se eu nunca te tivesse encontrado, teria sido capaz de ir pela vida de forma normal. Eu teria tido que voltar para meu reino e olhar como meu reino e toda minha gente desapareciam para sempre.

— Mas você me encontrou, — disse ela brandamente.

— Sim. E agora que compartilhamos nossos corpos, as coisas mudaram.

Marin molhou os lábios.

—Como mudamos exatamente?

—Nos deu formas especiais para detectar nossas companheiras.

—Qual é a tua?

—Só uma sensação, — disse ele. —Uma exatidão a respeito de ti que carecem todas as outras.

Ela sorriu e se apoiou na porta.

—Continua.

—Inclusive embora nos dessem modos especiais para nos ajudar a nos assegurar que não nos equivocávamos, o Fae nos deu outra maneira de ver que fazíamos à eleição correta.

— E qual seria essa?

Elric suspirou. Rapidamente se tirou a túnica e lhe mostrou seu braço esquerdo. Inclusive a débil luz da vela, as marcas começavam a obscurecer-se.

— Uma tatuagem? — Marin perguntou.

— Algo assim, — respondeu ele. — Sempre estive sobre nossa pele, mas quando encontramos a nossas companheiras e compartilhamos nossos corpos, isso realça as marcas.

— É formoso, — disse ela e passou sua mão sobre o intrincado desenho que tomava desde seu ombro até seu cotovelo.

— Você terá um também.

Seu olhar se fixou em Elric. Então, devagar ela começou a desabotoar sua blusa. Elric manteve sua respiração tranqüila, mas dentro seu coração corria. Ela puxou para trás e ele diviso as marcas.

— OH meu Deus, — murmurou ela. — Isto não pode estar me acontecendo. Nada fora do ordinário como isto me tinha passado nunca.

Elric apertou seus punhos enquanto lutava com o impulso de tomá-la em seus braços, ainda assim, ele sentiu que ela tinha que reunir seus pensamentos e revisar tudo primeiro.

— Há algo mais? —, perguntou ela. Voltou a vestir seu suéter e se abotoou os botões.

— Em realidade, — disse ele duvidando — sim há. Quando disse que as coisas tinham mudado, não estava mentindo. Agora, se você decidir não retornar comigo, nunca encontrará a felicidade. Nenhum de nós o fará.

Marin suspirou e por um momento manteve seus olhos fortemente fechados.

— Incrível. Me leve de volta, — disse ela, sua voz tremia. — Agora.

Elric deu volta pelo quarto e apagou as velas antes de alcançar a tocha. Ele a guiou escada abaixo onde posou novamente a tocha em seu suporte e levou a Marin até o cavalo.

No momento que estava por subi-la ao cavalo, ele se deteve e escutou.

— O que acontece? — sussurrou ela.

Embora ela pudesse estar aturdida sobre tudo o que ela tinha aprendido, seus dedos se cravaram no braço de Elric e se moveu aproximando-se dele.

— Estamos sendo observados. — Ele olhou a seus olhos cor avelã e colocou uma mecha de cabelo castanho que tinha sido pego pelo vento detrás de sua orelha.

— Pensam nos fazer mal?

Ele se encolheu de ombros.

— Não sei.

— Provavelmente somente sejam alguns bêbados do festival.

Ele não diria que pensava que poderia ser um Tharg e quis pô-la rapidamente a salvo.

— Fique aqui, — disse-lhe e girou a um montão de rochas vários passos detrás dele.

Devido a que os homens deste tempo não andavam por aí com armas, Elric tinha enterrado sua espada. Levantou para um lado algumas das antigas pedras derrubadas e tirou sua espada. Depois de colocar ao redor de sua cintura, voltou-se para o Marin.

— É real, certo? — perguntou ela.

— Muito —. Ele agarrou a crina do cavalo e pulou a seu lombo, logo ofereceu seu braço para o Marin. Ele facilmente a subiu detrás dele, e quando os braços dela se envolveram ao redor de seu torso, o desejo que flamejava dentro dele o fez sacudir-se.

Com um rápido golpe de talões nos flancos do cavalo, puseram-se em marcha. O cavalo devia haver sentido a agitação e preocupação de Elric porque deu coices e levantou e baixaram sua cabeça várias vezes antes de manter-se em um galope confortável. Elric esteve todo o tempo alerta aos arredores. O ruído no tempo de Marin lhe dificultava discernir de onde vinha o perigo, mas vislumbrou uma besta de cabelo escuro justo antes que alcançassem o povo.

Era o Tnarg.

Elric murmurou uma maldição e sabia que deveria ficar todo o tempo com Marin até que ela tomasse sua decisão. Ele conduziu o cavalo ao estábulo da estalagem e desmontou. Quando elevou os braços para ela, ela facilmente se deslizou entre eles lhe dando um cálido sorriso.

— Ainda está zangada comigo? — perguntou-lhe lhe passando uma mão por seu rosto.

Ela sacudiu sua cabeça.

— É difícil engolir tudo de uma vez, e me apoiando na tatuagem que tenho agora em meu braço esquerdo, sei que não está mentindo. Mas, você está me pedindo deixar tudo o que conheço meu tempo, meus amigos... minha vida... para ir a um lugar desconhecido que está encravado em alguma classe de distorção do tempo.

Como sei se serei feliz?

— Como sabe que não o será? É tão feliz aqui que está disposta a arriscar seu futuro e meu reino?

— Não, — disse ela e retrocedeu. — Tenho bastante para pensar sem a tensão acrescentada de pensar em matar a todos os inocentes de seu reino. Somente me deixe pensar sobre isto por um momento.

Elric se alegrou somente de escutar que ela queria pensar sobre isto e que não tinha escapado dele.

— Quanto tempo necessita?

— Não sei, — disse ela levantando os ombros. — me dê alguns dias.

Ele não queria, mas o faria. Fez-lhe uma curta inclinação e a puxou pelo braço para ele para um lento e comprido beijo. Ele queria que ela recordasse seu sabor quando dormisse esta noite.

Quando finalmente levantou sua cabeça, os lábios de Marin estavam inchados e o desejo flamejava em seus olhos.

— Não pode negar a atração entre nós.

— Não, não posso, — disse ela dando um passo atrás. — E não o farei.

— Não saia sozinha de noite, — chamou-a quando ela alcançava a porta do estábulo.

Ela se deteve e se voltou para ele.

— Você me está ocultando algo.

Elric caminhou para ela e lhe ofereceu seus braços.

— Só me preocupo. Deixe-me te levar dentro.

Ela duvidou só um momento antes de tomar seu braço.

Marin fechou sua porta e se apoiou contra ela. Sua mente se cambaleava com tudo o que Elric lhe tinha contado. Era difícil não considerá-lo tudo, especialmente com a marca em seu braço.

Encaminhou-se ao banho e se tirou o suéter. Por longos minutos observou o elaborado desenho e a influência celta da marca. Obscureceu-se desde que o tinha olhado a primeira vez, fazendo-se mais negro agora.

—A prova que pedi está ante meus olhos, — disse a seu reflexo.

Ela não podia chamar amor ao que sentia por Elric já que recém o tinha conhecido esse dia, mas havia algo que definitivamente os conectava, algo que a atraía fazia ele como uma mariposa a uma chama. Mas poderia ela deixar todo que conhecia? Toda sua família se foi, por isso a única pessoa que deixaria atrás seria Rhonda.

Marin tomou um profundo fôlego e tirou o resto de sua roupa para ir-se à cama.

Enquanto vestia seu pijama de flanela e se enterrava sob os cobertores, não pôde deixar de pensar em Elric. Ela sentiu saudades de seu calor, o modo que seus olhos verdes brilhavam quando ele brincava, e seu toque gentil. Sobre tudo, sentia saudades de sua presença e o modo em que ele a fazia sentir.

Ela fechou seus olhos e recordou a promessa nos olhos de Elric. Uma promessa de uma nova vida possivelmente?

Capítulo 8

Elric esperou até ver que Marin fechava sua porta antes de apurar-se a voltar para estábulo. Saltou ao lombo do cavalo e o esporeou a uma carreira. Se o Tnarg estava fora esperando, tinha que encontrar à criatura antes que fosse por Enjoam.

O Tnarg deixava um rastro fácil de seguir. Largos rastros que não se pareciam em nada ao que Elric tinha visto antes. Se não tivesse sido por seu irmão, Lucian, que tinha descoberto o antigo texto na biblioteca que descrevia ao Tnarg, Elric não teria sabido como luzia ou seus hábitos de caça.

O antigo texto havia descrito em detalhe que faria o Tnarg uma vez que encontrasse a Marin, e Elric morreria antes de permitir que lhe aproximasse. Ele tinha esperado encontrar o desejo que sentia por Marin, mas não tinha esperado um sentimento tão profundo tão logo. Surpreendia-lhe e lhe agradava.

Voltou a concentrar-se no Tnarg e parou seus arreios. Logo, Elric fechou seus olhos e abriu seus sentidos. Sim estava correto, o Tnarg trataria de atacar amanhã. Elric queria à besta morta. Esta noite.

O som de um pequeno ramo quebrando-se detrás dele chamou sua atenção. Lentamente, baixou-se e agarrou o punho de sua espada enquanto a tirava silenciosamente de sua bainha. O Tnarg estava detrás dele no bosque. Um deles morreria esta noite, e não ia ser Elric.

* * * *

Marin não tinha deixado seu quarto em todo o dia. Rhonda tinha tratado repetidamente de tirá-la, mas nem sequer os ecos do festival puderam arrastá-la a da segurança da estalagem. Ela sabia que estava sendo covarde, mas necessitava tempo sem a sedutora pessoa de Elric nublando seu julgamento.

Ela tinha tratado de pensar como seria dizer a Elric adeus, e então tinha pensado em um cenário onde ela estava de acordo em ir com ele. Sua cabeça tinha começado a doer com as opções formando redemoinhos por sua mente. E para que as coisas fossem piores, tinham aparecido nuvens tormentosas trazendo chuva e uma feroz tormenta elétrica.

O estalo de um trovão levou sua atenção à janela. Tinha começado a obscurecer, se era devido à hora ou à tormenta, Marin não soube. Ela não podia acreditar que tivesse estado tão perdida em seus pensamentos que não se precaveu como tinha passado o tempo, mas pelo ruído de seu estômago, era muito possível.

Parou e caminhou para a janela. As pessoas do festival estavam correndo, fugindo do aguaceiro, e então foi quando reconheceu a Rhonda com o Lachlan.

Marin sorriu enquanto olhava a sua amiga com o escocês. Rhonda merecia um pouco de felicidade, e esperava sinceramente que Lachlan a desse. Estava por voltar para procurar seus sapatos para descer e encontrar algo de comer quando de repente sua porta se abriu. E na entrada se encontrava a mais aterradora criatura que Marin tivesse visto.

Ela tratou de tragar enquanto seu estômago caía a seus pés como chumbo. Os olhos vermelhos da criatura flamejavam com fúria enquanto se fixavam nela. Viu que media ao menos um metro oitenta de altura com uma massa marrom de pêlos emaranhado cobrindo seu corpo e garras longas em suas mãos e pés.

Marin podia ter tomado algumas aulas de defesa pessoal, mas nada a tinha preparado para um ataque de uma criatura como esta. Que lhe dessem um bêbado, um homem e ela poderia mandá-lo de joelhos com um golpe. Agora, tudo o que ela quis fazer foi correr para Elric.

Elric.

Desejou não haver-se escondido dele todo o dia. Possivelmente se ela tivesse estado com ele e a criatura não estaria agora em seu quarto. Marin fez um movimento para a porta que conectava com o quarto da Rhonda e a criatura grunhiu e vaiou dando um passo mais dentro em seu quarto.

Sem nenhuma arma e com os trovões afogando qualquer grito que pudesse emitir, Marin sabia que sua situação era desalentadora. Antes que pudesse piscar, a criatura subitamente voou para ela. O som de um crash enquanto Marin caía de lado e rodava longe soou detrás dela. Não olhou sobre seu ombro enquanto ficou em pé e correu para a porta do quarto da Rhonda. Estava a só uns passos da porta quando algo se fechou ao redor de seu pé. A sensação de várias lâminas cortando através de seus jeans e sua pele lhe deixou saber que a criatura a tinha agarrado.

Marin chutou e sentiu que seu pé conectava com algo. Olhou para trás e viu a besta sustentando seu pé e grunhindo. Começou a puxá-la arrastando-a para ela. Marin enterrou as unhas no tapete e gritou.

—Que demônios... — escutou da entrada e olhou para lá para ver a Rhonda e Lachlan.

A criatura deixou sair um ruidoso grunhido e voltou-se para Marin. Enquanto estava sendo puxada para trás, procurou algo que pudesse alcançar. Algo tocou sua mão, e ela imediatamente o agarrou e o lançou à criatura. Uma de suas pesadas botas de excursão aterrisou diretamente na cabeça da besta.

A besta bramou sua fúria e a arrastou ainda com mais força. De lado viu a Lachlan e Rhonda golpeando a criatura com sapatos e inclusive com um secador de cabelo que Lachlan agarrava pelo cordão.

De repente um forte e ensurdecido grito encheu a habitação. Marin se girou para encontrar ao Elric correndo para eles com sua espada oscilando sobre sua cabeça. Felizmente, Lachlan correu a um lado enquanto Elric baixava sua espada e a encaixava no peito da criatura.

—Está ferida?— perguntou Elric quando alcançou a Marin.

Os olhos de Marin estavam fixos na criatura com a espada de Elric enterrada em seu peito. Estava ainda respirando e não importava quão duro Marin atirasse de seu pé, a besta não a soltava.

—Tem meu pé — disse finalmente.

Ela observou como Elric fraturou os largos dedos da besta e a liberava. Marin ficou de pé.

—Não está morta.

—Não, — disse Elric enquanto a olhava. — Não temos muito tempo.

—Que demônios é isso?— perguntou Lachlan.

Elric olhou sobre seu ombro a Lachlan e Rhonda.

—Algo do que não querem ser parte. Devem sair daqui. Agora.

—Eu não vou a nenhuma parte sem a Marin, — disse Rhonda, embora sua voz tremesse de medo.

Marin passou a língua por seus lábios e se afastou da criatura.

—Podemos falar uma vez que tenhamos saído daqui.

—Boa idéia, — disse Lachlan.

As palavras não tinham terminado de sair de sua boca quando um comprido e baixo grunhido da criatura encheu a habitação. Como um, os quatro se giraram para ela. Marin ficou com a boca aberta enquanto via como tirava a espada de seu peito e parou. Não havia ferida nem sangue. Era como se tivesse curado por si mesma. O olhar da besta voltou a fixar nela, e Marin sentiu seu sangue converter-se em gelo.

Ela viu a criatura e Elric mover-se ao mesmo tempo. A besta quis alcançá-la e ela sentiu suas longas garras deslizarem-se através de seu suéter e sua pele. Tudo pareceu mover-se em câmara lenta quando Elric bramou e empurrou à besta para a janela.

O vidro se rompeu e caiu em pedaços ao chão.

Marin olhou para baixo quando sentiu que algo empapava seus jeans. Tomou um momento registrar que era sangue. Seu sangue.

—Marin! — Elric se sacudiu ao grito da mulher. Moveu-se para agarrar ao Marin quando começava a dobrar-se. Depois de dar um olhar ao sangue, levantou-lhe a grossa túnica e distinguiu as quatro largas feridas em seu flanco. Rapidamente se levantou e atirou para trás a roupa de cama até que encontrou os lençóis. Com um puxão, liberou o lençol e começou a envolvê-la ao redor de Marin.

—Me ajude, — gritou-lhe ao homem enquanto tratava de sentar a Marin.

O homem tragou visivelmente sacudido.

—Graças a Deus por você. Essa... coisa... teria-nos matado com segurança.

—Sim, — Elric disse. — O teria feito.

—Sou Lachlan.

Elric jogou uma olhada ao homem e assentiu enquanto terminava de enfaixar a Marin.

—Elric. Temos que sair aqui rápido. O Tnarg voltará logo.

—Um o quê? — a mulher perguntou.

—Está bem, Rhonda, — disse Lachlan e se moveu para ela. — Iremos com o Elric e Marin.

Elric não esperou para ver o que o casal decidia fazer. Ele tinha que tirar o Marin longe do Tnarg imediatamente antes que a matasse. E havia só um lugar onde ele sabia que poderia ir.

—Não pode levá-la à chuva, — gritou Rhonda enquanto o alcançavam.

Elric nem a olhou enquanto descia pela escada traseira.

—Não temos opção. É a chuva ou o Tnarg.

Para sua surpresa, Lachlan sustentou a porta aberta para ele. A chuva estava caindo como cortina fazendo quase impossível ver mais que a uns poucos passos diante de seu rosto.

O Tnarg poderia estar em qualquer parte, e isto enviava calafrios de temor através de sua pele.

— Aonde vai? — gritou Lachlan sobre a chuva. Elric entrou correndo ao estábulo. — Passe o ferrolho às portas, — disse-lhe ele.

Uma vez que estiveram encerrados dentro, baixou Marin e revisou suas vendagens. O sangue não se deteve.

— Devo pôr Marin a salvo. Não tenho tempo de lhes explicar tudo. Vou e levo a Marin comigo. É a única coisa que a manterá viva.

— Não deixarei que lhe leve sem mim, — disse Rhonda, os braços cruzados sobre seu peito, seu cabelo vermelho esmagado a seu rosto.

Elric lentamente ficou de pé.

— Devem saber isto, se me seguirem, vocês nunca serão capazes de voltar.

— Então, aonde vai? — perguntou Lachlan.

— A outro tempo.

Rhonda pôs uma mão em seu braço quando ele foi alcançar a Marin.

— Sabia Marin desta criatura?

— Marin sabia tudo, — respondeu Elric. Irritava-lhe estar tomando-se tempo para lhes explicar aos amigos de Marin, mas ele sabia que não tinha uma opção. — Ela estava tomando uma decisão sobre se retornaria comigo e salvava a minha gente ou não.

Tal como Elric esperava, Rhonda abriu sua boca para fazer outra pergunta, mas um forte golpe em uma das portas fechadas a deteve.

— O Tnarg, — disse ele e recolheu ao Marin em seus braços.

— Obrigado por sua ajuda, — disse-lhes antes que ele corresse a outro extremo do estábulo.

Quando alcançava o ferrolho, a mão do Lachlan o liberou por ele. Elric correu para a chuva e para o lugar onde Aimery tinha aberto o portal de entrada. Atrás dele ouviu os gritos enquanto o Tnarg os perseguia.

Elric viu a entrada aberta enquanto se aproximava. Parou e olhou a Lachlan e a Rhonda.

— Obrigado por tudo. Agora, devem correr e esconder-se. O Tnarg me quer e a Marin, mas poderia atacar a qualquer de vocês.

Ele passou pela entrada e suspirou. As conseqüências de levar Marin através do tempo sem seu consentimento poderiam ser severas, mas o faria outra vez se isto significasse lhe salvar a vida. Voltava-se ou não com ele a Drahcir era outra coisa completamente diferente.

— OH meu Deus, — escutou detrás dele. Ele se girou e encontrou ao Lachlan e a Rhonda. — O que estão fazendo aqui?

— Eu não te conheço, — disse Rhonda pondo uma mão na frente de Marin. — Ela é minha melhor amiga, minha única família, e não deixarei que lhe leve longe até que não escute que ela quer que o faça.

Elric dirigiu seu olhar ao Lachlan.

Lachlan se encolheu de ombros e sorriu bonachão.

—Eu sempre amei a aventura.

Elric gemeu em silêncio e se voltou para o pequeno povoado. Não estava surpreso de encontrar que não estava longe da base das montanhas Ben Nevis. Estava quase em casa.

— Temos que encontrar roupa, e preciso atender a Marin. — dirigiu-se à pequena casa de campo no bordo do povo e bateu na porta. Esta se abriu para mostrar a uma anciã que lhe deu um cálido sorriso.

— Eu sabia que voltaria, — disse ela. — Entra, entra moço.

Elric foi para a cama e pôs Marin nela. Moveu-se para revisar as ataduras, mas a mulher o empurrou a um lado.

—Ela e seus amigos vão necessitar roupa. Olhe o que pode encontrar enquanto eu a atendo.

Ele não queria deixar Marin, mas sabia que Ivy tinha razão. Rhonda ficou com o Marin enquanto ele e Lachlan encontravam roupa para todos eles. Quando voltaram, Marin estava fora de suas roupas molhada e sentada na cama.

—Olá, — disse ele enquanto se aproximava.

Ela sorriu.

—Olá. Ouvi que viajamos no tempo.

—Era isso ou deixar que o Tnarg te matasse.

Seu sorriso cresceu.

—Então estou agradecida que tenha resolvido me trazer aqui.

Ele estava tão aliviado de que ela não estivesse zangada que queria beijá-la.

—Como se sente?

—Mais ou menos, — respondeu ela. —Devo ter perdido um montão de sangue.

Ele assentiu e entregou as roupas a Rhonda.

—Odeio fazer isto, Marin, mas deve tomar uma decisão agora. O Tnarg retornará aqui, se é que já não retornou.

—Minha decisão estava já tomada, — disse ela enquanto baixava seus olhos.

Ao Elric não gostou do sabor da derrota, e o pensamento de sua gente e seu reino desaparecendo a um nada revolveu o estômago.

—Entendo. Te vista, — disse enquanto se voltava sobre seus calcanhares e deixava a casinha.

Ele olhou acima às montanhas, com a lua brilhando intensamente sobre elas. Se ele fechava seus olhos podia ver a beleza que era Drahcir e o amor e a risada de sua família. Ele retornaria logo. Ele não os enviaria sozinhos à morte.

Algo tocou sua mão, e ele olhou para baixo para encontrar ao Marin a seu lado.

—Não deveria estar de pé.

— Você certamente não pode me carregar, — disse ela.

— Estive pensando. Eu poderia ser capaz de convencer ao Fae de te devolver a ti e seus amigos a seu próprio tempo.

— Por quê? — ela perguntou brandamente. — Pensei que me queria.

Elric girou para confrontá-la.

— Faço-o, mas dentro você disse...

—Que já tinha tomado minha decisão. Eu não acredito que possa viver sem ti, e francamente, não quero tentar.

Ele a atraiu aos seus braços brandamente, cuidadoso de seu flanco ferido.

—Tem-me feito o homem mais feliz deste reino.

—Eu serei ainda mais feliz uma vez que estejamos longe do Tnarg.

—Só as portas de minha cidade assegurarão isso.

—Então o que estamos esperando?

Ele a deteve quando ela começou a caminhar.

—Marin, sua ferida é grave e perdeste uma boa quantidade de sangue. O caminho ao Drahcir não é fácil. O frio por si só faz com que algumas pessoas desistam.

Sorriu-lhe e tocou seu rosto.

—Confio em ti.

Nesse momento, Elric teria movido as montanhas por ela. Ele se voltou para a casinha para pedir emprestados os cavalos a Ivy só para encontrar-lhe detrás dele.

—Já parece, moço. Mande-i ao jovem Lachlan a selar os cavalos. Vê-se bem com kilt, tal como você.

Elric se inclinou para baixo e lhe deu um beijo na bochecha. —Obrigado, tia Ivy.

—Basta mantê-la a salvo e abrace minha irmã por mim.

Fez-lhe uma inclinação com a cabeça quando Lachlan trazia os cavalos. Em cada uma das quatro montarias havia grossas capas de pele. Elric observou como Lachlan elevava a capa da Rhonda e lhe envolvia os ombros. A roupa que tinham encontrado ficava bem a ela, e o sorriso que deu ao Lachlan falava de profundos sentimentos.

—Eles se vêem bem juntos, — disse Marin.

Elric lhe sorriu.

—Sim, assim é. Como você sente em sua roupa?

—Fez um bom trabalho. O vestido é um pouco apertado em meu peito.

Ele pegou casaco dela e a ajudou a vesti-lo.

— Isto te manterá mais quente do que te dê conta, assim como as grossas meias de lã que te dei. Se conhecer o Ivy, ela empacotou cobertores extras e tudo o que pudéssemos necessitar nos alforjes.

—Então estamos preparados?

—Sim, — disse Ivy enquanto se aproximava lentamente. —Cuida de suas feridas. Trabalhei minha magia nelas, mas as feridas vêm de um Tnarg e poderiam facilmente infectar-se se não tomar cuidado, moça.

—Terei. Obrigado de novo.

—Uma coisa mais, — disse Ivy. —Uma vez que esteja nas montanhas pensará que seus ossos se congelarão aí mesmo, mas mantém a fé em Elric. Quando passarem pelas portas de Drahcir, tudo haverá valido a pena.

Elric sabia que Marin queria falar mais com Ivy, mas não havia tempo para lhe contar a história de sua mãe e de tia Ivy. Isso teria que ficar para outro dia. Ele ajudou a Marin a montar seu cavalo e então se impulsionou para ficar no lombo de seus arreios. Com uma última saudação a sua tia, esporeou seu cavalo e se puseram a caminho.

Seus sentidos estavam completamente alerta. Ele não podia permitir que o Tnarg se movesse furtivamente sobre ele outra vez. Se tivesse sido capaz de matá-lo no bosque, mas era uma criatura oculta e tinha conseguido superá-lo. Elric suspirou. Este deveria ser um momento feliz em sua vida. Tinha tido êxito encontrando a sua companheira e convencendo-a que retornasse com ele a Drahcir para salvar a sua gente e ao reino. Em troca, preocupava-lhe que nunca pudessem obtê-lo.

Um ruidoso rugido na distância fez que Elric empunhasse sua espada. O Tnarg os tinha encontrado.

Capítulo 9

Marin tiritava enquanto eles se internavam profundamente nas montanhas, a luz da lua cheia iluminava seu caminho. Desde que o Tnarg tinha rugido, Elric tinha estado comportando-se como um homem possuído. Ela temia que se ele pudesse, faria correr aos cavalos em vez de caminhar, mas a ascensão escarpada e a grossa neve o acautelaram.

Ela estava tão assustada do Tnarg como Elric, especialmente depois de sentir suas garras em sua pele, mas as baixas temperaturas lhe impediam de pensar em nada mais que o calor. Seus dentes não podiam deixar de tocar castanholas, e ela não tinha idéia de como o cavalo conseguia seguir andando com passo lento pela neve que caía.

— Não podemos chegar a Drahcir em um dia — disse Elric enquanto ficava ao lado dela.
— Teremos que parar esta noite. — Marin assentiu incapaz de falar com seus dentes batendo castanholas.

Ela não tinha idéia de quanto tempo mais avançaram penosamente antes que Elric de súbito saísse seu caminho. Ela o seguia fatigosamente enquanto desejava para si mesma permanecer em seus arreios. De repente, sentiu umas mãos sobre ela e olhou para baixo para encontrar a Elric levantando ao lado de seu cavalo.

— Está quase congelada, — disse ele enquanto ela andou para uma caverna. — Acenderei um fogo para te esquentar.

Ela se aconchegou em seu calor, impaciente por sentir suas próprias mãos outra vez. A capa, meias de lã, e saia grossa a tinham mantido mais quente do que ela teria pensado, mas ela não estava acostumada a este tipo de clima.

— Lachlan, cuida dos cavalos, — Elric o chamou enquanto sentava Marin em uma caverna e saía apressado.

Rhonda veio sentar-se ao lado dela e suspirou.

— Congelo-me e estou em uma caverna. Uma caverna, Marin. Você sabe como odeio viver sem comodidades.

Marin riu.

— Eu somente estou contente de estar fora do mau tempo.

— Ugh. Realmente estou de acordo. Estou faminta, também.

— Deve haver algo por aqui, — disse Lachlan enquanto arrojava duas bolsas a seus pés.

Marin tratou de abrir uma bolsa, mas seus dedos estavam muito rígidos.

— Aqui, me deixe, — disse Rhonda e tomou a bolsa de suas mãos. Ela a abriu e esquadrinhou dentro. — É comida.

Marin sorriu enquanto Rhonda revolia primeiro uma bolsa, logo a seguinte. Não passou muito tempo antes que Elric voltasse com uns quantos paus em seus braços.

— A madeira está molhada, mas não podemos fazer um fogo grande de todos os modos. Tratei de nos trazer, mas profundo na caverna como poderíamos ir, e com os cavalos conosco, o Tnarg poderia aparecer.

— Não saberá onde nos dirigimos? — Marin perguntou.

Elric deixou de amontoar os paus e levantou seu olhar.

— Sim, sabe. Estará nos esperando, estou seguro.

Marin se estremeceu, mas desta vez não do frio.

* * * * *

Umas poucas horas de sono e um pouco de calor fizeram maravilhas para ajudar a Marin. Sua ferida lhe doía um pouco, e justo como Ivy a tinha instruído, ela revisou as feridas tão freqüentemente como pôde.

— Deveríamos alcançar as portas do Drahcir antes que caia a noite, — disse Elric enquanto abotoava sua capa ao redor de seus amplos ombros e olhava à entrada da cova onde o sol aparecia.

Marin nunca se cansava de olhá-lo. Ele era tudo o que ela alguma vez tinha pensado que um guerreiro Highlander seria alto, rudemente formoso, e ferozmente leal aos que cuidava. Isso em sua opinião resumia bastante bem Elric.

Lachlan tinha selado os cavalos e Elric ficou olhando-a, esperando. Era tempo de partir, mas ela não estava preparada. As poucas horas na caverna tinham sido prazenteiras, mas possivelmente o foram porque Elric tinha estado com ela. Embora, com o Lachlan e Rhonda acompanhando-os, Marin não tinha sido capaz mais que de aconchegar-se contra Elric.

— Mudaste de opinião? — perguntou Elric, sua voz pesada com a dúvida.

Ela caminhou para ele e riscou seus lábios com seu dedo.

— Nunca. Estávamos a salvo aqui. Aí fora... — Ela deixou a sua voz acalmar-se porque não podia encontrá-la dentro dela para terminar.

— Eu te protegerei, — jurou-lhe ele.

Ainda a assombrava que este homem a quem acabava de encontrar estivesse disposto a deixar sua vida por ela, e não duvidava que ele fizesse justamente isso se significasse que ela vivesse. Se não tivesse a prova em seu braço e no dele, ainda poderia estar perguntando-se pela sanidade mental de Elric. Mas uma vez que ela tinha aceitado o que era antes, achou mais fácil lhe abrir seu coração e sua alma. Ele ofereceu a ela algo que ninguém antes fez... amor.

Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou. Um suave grunhido saiu da garganta de Elric enquanto moldava o corpo de Marin ao dele.

— Desejo-te, — sussurrou ele em seu ouvido e tomou sua mão para cobrir seu pênis duro. Com um sorriso ela se afastou dele.

— Então me leve a Drahcir e poderá ter-me de qualquer forma que me deseje.

As palavras não tinham terminado de sair de sua boca quando ele a agarrou da mão e a arrastou fora da caverna. O ar frio a golpeou como um trem de carga enquanto Elric a elevava sobre sua égua. Com uma pequena palmada em sua perna, ele deu volta e montou seu cavalo.

— Cada um, mantenha seus olhos e ouvidos atentos. O Tharg é poderoso e mortal. Não será capaz de nos tocar uma vez que alcançamos as portas de Drahcir.

— Nosso asilo, — sussurrou Marin.

Rhonda pulsou a seu cavalo.

— Então nos ponhamos em movimento, por favor.

As horas foram passando sem novidade. Mas Elric não era o suficientemente estúpido para acreditar que o Tnarg os deixaria tranquilos. Tinha provado sua tenacidade no tempo de Marin, e se tinha aprendido algo da besta, foi que esta era muito inteligente. Parecia que estivesse esperando-os.

E ele sabia onde.

A passagem estava logo adiante. Uma estreita fenda entre as paredes das montanhas que traía durante qualquer dia, mas mortal se algo te estava esperando. Havia um pequeno espaço para manobrar um cavalo e ainda menos para tentar e defender-se.

Elric olhou sobre seu ombro para ver o Marin perto dele, assim Rhonda e Lachlan cobriam a retaguarda de seu pequeno grupo. Ao princípio ele não tinha estado muito seguro de que Rhonda e Lachlan viessem com eles, mas agora estava agradecido por um corpo extra para ajudar rechaçar o Tnarg.

Quando alcançaram a entrada da passagem, Elric puxou seus arreios para deter-se e desmontou. Caminhou para Marin e fez gestos ao Lachlan e a Rhonda.

— Escutem com atenção. A passagem é estreita e um lugar perfeito para o Tnarg atacar. Marin tragou visivelmente.

— Quanto mais longe está Drahcir?

— Uma vez que cruzemos pela passagem será capaz de ver as portas.

— Bem, — disse ela devagar e jogou uma olhada a passagem. — Seguimos como o temos feito?

Elric sacudiu sua cabeça e empunhou a longa adaga de sua cintura.

— Quero que guarde isto contigo, — disse e o deu. Ele a ajudou a atar seu cinto sob sua capa, logo a ajudou a descer de sua égua. — Eu irei primeiro. Uma vez que alcance o outro lado, assobiarei três vezes. Aí é quando você passará.

— E nós? — Lachlan perguntou.

— Já que o Tnarg anda atrás de Marin, uma vez que ela esteja comigo, penso que será seguro para vocês dois cruzarem juntos. Darei outros três assobios quando Marin me tenha alcançado.

— E se não ouvir os assobios? — Marin perguntou.

Ele olhou seus preocupados olhos cor avelã.

— Passarei, — prometeu ele. Ele não quis lhe dizer que estava aterrorizado de seu cruzamento a cavalo só pelo passo, mas esta era a única solução que ele podia propor.

Inclusive quando ele estivesse com ela e o Tnarg a atacasse por trás, no tempo que Elric desmontasse ela estaria morta. Com ele indo adiante, ele teria tempo de sobra para tentar encontrar e matar o Tnarg antes que Marin cruzasse. Mas, no caso dele não o encontrasse, ela tinha uma arma.

— Estou assustada, — sussurrou ela.

Elric a atirou para seus braços e descansou seu queixo em cima de sua cabeça.

— Sei.

Por um longo momento eles ficaram como estavam, evitando o frio intenso ou os olhares de Lachlan e Rhonda. Era muito que Elric queria lhe dizer, e embora ele tivesse planejado guardá-lo até suas bodas, ele teve a necessidade de dizer algo agora.

—Marin, — disse ele inclinando-se para trás. —Obrigado por confiar em mim e vir comigo. Sorriu-lhe.

— Como poderia eu rechaçar a um homem com habilidades de sedução tão boas como as tuas?

Elric sorriu abertamente e olhou ao longe de seu olhar.

— Não me deram a língua fina de meu irmão mais jovem, Sorin, a perspicácia de meu irmão maior, Lucian, ou a sabedoria de meu outro irmão maior, Keiran, entretanto, realmente sabe que me sinto inteiro agora, contigo ao meu lado. Não posso imaginar a vida sem ti, e não porque minha cidade deixasse de existir se voltar sem ti, mas sim porque você é uma parte de mim, minha alma.

Durante vários momentos ela simplesmente o olhou enquanto piscava rapidamente.

— Não conheço seus outros irmãos, mas sei o que vejo ante mim, e não há nenhum homem mais formoso, bem falado, sábio ou profundo que você. Eu nunca acreditei nas pessoas que diziam que se apaixonaram a primeira vista... até agora. Você diz que eu sou parte de ti, mas eu acredito que você sempre foste parte de mim. Quero caminhar a seu lado pelas portas do Drahcir, e me recuso a permitir que uma besta horrorosamente feia ameace isso.

Elric sorriu enquanto a descia para ele para beijá-la. O que se supunha fora um simples beijo se converteu em um fogo furioso. Seu corpo a queria, necessitava-a com uma intensidade que o assustou. Ele a deixou antes que lhe levantasse as saias nesse preciso momento e enterrasse seu pênis palpitante profundamente dentro dela.

Ele a olhou fixamente durante um momento mais, gravando seu rosto em sua memória e o sentimento e o sabor dela em seus sentidos. Então saltou sobre seu cavalo e agarrou as rédeas.

— Verei-te logo, — disse ele antes que desaparecesse no caminho.

Capítulo 10

Marin tocou a adaga longa que Elric lhe tinha dado e esperou. Parecia como se tivessem acontecido anos desde que tinha visto seu companheiro desaparecer pelo estreito caminho, um caminho no qual Elric estava seguro que o Tnarg estava espreitando-a.

— Quanto tempo esperamos? — perguntou Rhonda.

— Até que ouçamos os assobios de Elric, — disse Lachlan. — Estou seguro que Elric está revisando o caminho à medida que avança. Se houver uma possibilidade de que ele possa encontrar e matar o Tnarg antes que Marin cruze, então o fará.

Marin se estremeceu e se envolveu mais em sua capa.

— Eu não gosto que tenha ido sozinho. O Tnarg é muito poderoso.

— Ele estará bem, — disse Lachlan.

Marin assentiu e observou a neve a seus pés. Os dedos de seus pés tinham começado a intumescer-se fazia já meia hora, mas se recusou a mover do lugar onde tinha visto Elric a última vez. Sua mente se sobressaltou ao pensar como ele de algum modo tinha conseguido fazer-se tão importante para ela em tão curto tempo. Seus sentimentos por ele corriam profundamente, tão profundamente como os sentimentos poderiam ir. E embora eles não tivessem falado de amor, estava ali.

De repente, ela ouviu os três assobios.

— Consegui, — disse ela enquanto levantava suas saias e fazia seu caminho a seu cavalo.

— Lachlan, por favor, me ajude.

No instante seguinte, ele a tinha levantado em cima da égua.

— Tome cuidado, Marin. Mantenha os olhos abertos e sua arma pronta todo o tempo.

Ela engoliu e assentiu, logo olhou a Rhonda. Deu a sua amiga um grande sorriso.

— Não os farei esperar muito tempo.

A risada da Rhonda a seguiu pelo caminho. Ela olhou sobre seu ombro uma última vez a sua melhor amiga e ao Lachlan, mas eles já estavam fora de sua vista. Com um profundo fôlego, voltou-se e olhou fixamente para o comprido caminho.

O silêncio era ensurdecedor. Os calafrios corriam por sua pele, mas não eram pelo frio. O lugar era misterioso, e era ainda mais pelo fato de que o Tnarg poderia estar espreitando-a.

Marin tirou a adaga de sua bainha e a agarrou com sua mão direita. Ela se enrolou as rédeas do cavalo ao redor de sua mão esquerda e manteve seus olhos alerta como lhe tinha aconselhado Lachlan. Tudo o que via era neve e gelo. As paredes do caminho pareciam ser de vários pés de espessura e de quinze metros de altura segundo sua estimativa. Embora houvesse alguns lugares onde algo ou alguém poderia ser capaz de ocultarem-se, aqueles lugares eram poucos e distantes entre eles.

Com cada passo das pernas robustas da égua, Marin se sentia mais confiada. Ela insistiu à égua a um meio golpe lento e deixou sua mente vagar pelas lembranças da noite em que ela e Elric faziam o amor.

Elric atirou de seu cavalo para detê-lo quando ouviu o assobio. Seu coração se alojou em sua garganta enquanto tratava desesperadamente de girar seu cavalo. Ele estava em uma das partes mais estreitas do caminho. Outros cem passos ou algo assim e teria conseguido cruzar.

Uma vez que conseguiu sustentar seu cavalo, dando a volta, inclinou-se sobre seu pescoço e o urgiu a correr. Tinha que alcançar a Marin antes que o fizesse o Tnarg. O Tnarg era preparado, mas Elric nunca imaginou que teria sabido a respeito de seu assobio.

Com o sangue lhe trovejando nos ouvidos, fez correr mais rápido ao seu cavalo. Tinha que alcançar a Marin antes do Tnarg. Marin se fez à vista, e ele soube o instante em que ela se deu conta de que algo andava mal. Ela atirou ligeiramente de suas rédeas, mas quando olhou para trás e deixou sair um grito, Elric conheceu o verdadeiro medo.

—Marin, — bramou enquanto tirava sua espada e apertava ao cavalo com seus joelhos para que fosse mais rápido.

Ele descobriu ao Tnarg arrancando a Marin de seus arreios. A raiva estalou dentro Elric quando a criatura reduziu a Marin uma e outra vez enquanto a sentava escarranchado nos arreios. O Tnarg bloqueou Marin da vista de Elric, e ele temeu que fora muito tarde para salvá-la, mas ele a vingaria.

Enquanto se aproximava, ele chutou para liberar-se dos estribos e se lançou sobre o Tnarg. Elric se agarrou no pescoço do Tnarg e o fez rodar longe de Marin. O Tnarg gritou e tratou de esfaqueá-lo com suas garras. O sangue de Elric clamava por vingança quando se parou de um salto e enfrentou à criatura.

—Me ataque você desprezível pedaço de esterco, — grunhiu Elric. —Só a mais vil das criaturas se atreveria a atacar a alguém mais débil.

O Tnarg grunhiu e ficou de pé.

— Só a mais preparada das criaturas sabe burlar aos seus inimigos.

— Nós não fomos seus inimigos, até agora.

O Tnarg gargalhou e começou a rondar a Elric.

—Realmente pensa que pode me deter de matá-la?

O alívio bombeava pelo Elric. Marin não estava morta. Ainda.

— Sim, penso-o, — respondeu ele.

— Inclusive se isso significa render sua própria vida?

— Sim, — ele respondeu sem vacilação.

Os olhos vermelhos da besta se estreitaram sobre ele.

— Matarei primeiro a ti, logo a ela. Só tenho que matar a uma das companheiras para terminar com tudo.

— Por quê? — perguntou Elric. — por que quereria ver Drahcir acabado?

— Deveria ser óbvio.

Elric agarrou sua espada com ambas as mãos.

— Se não responder minha pergunta diretamente, então procedamos.

— Como deseja, — disse a besta justo antes de saltar sobre o Elric.

Elric brandiu sua espada para cima e logo para diante enquanto dava um passo ao lado. Ele viu sua lâmina fatar a grossa pele do Tnarg, mas se esperou matar ao Tnarg com isso, ele se tinha equivocado.

A besta olhou abaixo ao corte que começou a curar-se e riu.

— Realmente pensa que poderia me matar? Você? Um mero mortal?

Um nó de temor começou a formar-se no oco do estômago de Elric. Compreendeu muito tarde seu engano de pensar que ele poderia acabar com o Tnarg. Elric jogou uma olhada a Marin quando ela começou a mover-se. Tinha-lhe falhado. Nenhum deles seria capaz de chegar às portas do Drahcir.

Embora lhe pudesse ter falhado a ela e a sua família, não cairia sem lutar. Ele se voltou para o Tnarg e levantou sua espada.

— Não é você o que quero, — disse a criatura. — Volta para sua casa.

— Se quer matar a minha companheira, então é para mim a quem quer.

— Morreria por ela?

Elric assentiu.

— Com muito prazer.

— Então assim será.

Quando o Tnarg reiniciou o ataque, foi com muito mais poder. Em vez de golpes sem muito entusiasmo, aquelas garras mortais agora apontavam a seu coração. Elric conseguiu manter a maioria dos golpes longe dele com sua espada, mas o Tnarg tinha mais força que ele. Já Elric estava começando a cansar-se, e o Tnarg se via como se sua força só crescesse.

O Tnarg atirou um golpe e deu ao Elric na mandíbula, lançando-o para trás. Ele aterrissou com força sobre a neve compacta e lutou para agarrar seu fôlego. Ele sabia que a morte o esperava. Ele olhou para Marin para encontrar seu olhar nele. Ele não queria que ela o visse morrer. Com um grunhido, ele rodou sobre seu estômago e correu para ela. Envolveu seus braços ao redor dela e protegeu seu corpo do Tnarg.

— Amo-te, — disse ele enquanto esperava o golpe do Tnarg.

Depois de vários momentos, Elric levantou sua cabeça para ver que estavam sozinhos. Ele alcançou sua espada e esperou a que o Tnarg atacasse outra vez. Entretanto, só o assobio do vento através do estreito caminho soava ao redor deles.

— O que lhe passou? — perguntou Marin.

— Não sei. — Ele olhou à distância e viu dois cavalos trovejando para eles enquanto ajudava Marin a ficar de pé. — É Lachlan e Rhonda.

— Podemos partir agora?

Ele sacudiu sua cabeça.

— Primeiro, tenho que saber se está ferida?

— Não. Quando me lançou do cavalo, golpeou a adaga que me deu fora de minha mão. Sinto muito.

— Sente-o? — ele repetiu enquanto a atirava a seus braços. — Não tem nada de que te desculpar. O Tnarg deve ter assobiado já que nunca consegui sair do caminho. Encontrei-te assim que pude.

— Realmente tenho que sair aqui.

Elric poderla senti-la tremer. Ela sustentava a capa de Elric em um apertão de morte, e ele sabia que ela não poderia dirigir-se por muito mais esse dia.

— Sim. Agora que Rhonda e Lachlan chegaram, apressemos o passo.

* * * * *

Marin esperava que o Tharg saltasse sobre eles, mas fizeram o resto do caminho sem nenhum percalço. Elric informou rapidamente a Lachlan e Rhonda o que teriam que esperar, mas não foi até que ela viu as altas e douradas portas ante de Marin soubesse que estavam realmente a salvo.

— Meu Deus, — murmurou Rhonda.

Marin só pôde ficar olhando. Se as portas que fechavam a cidade estavam tão maravilhosamente decoradas com antigos desenhos celtas, muito similares à marca sobre seu braço e o de Elric, ela só podia imaginar como luziria o resto da cidade.

— Parece impressionada, — disse Elric a seu lado.

Ela assentiu.

— Estou-o.

— Então espera até que veja Drahcir por si mesmo. Penso que desfrutará de seu novo lar.

Marin tomou a mão que lhe oferecia e esporeou seu cavalo a andar. Quando eles se aproximaram, comporta-as se abriram. Ela olhou ao redor, mas não viu ninguém que dirigisse as portas. Elric ficou rígido de repente e lhe jogou uma olhada para vê-lo olhando algo sobre sua cabeça. Ela seguiu seu olhar e descobriu ao Tharg no topo de uma montanha olhando-os.

— Pode entrar aqui?

— Não, — disse ele e apertou sua mão.

Ela se voltou para ele e sorriu.

— Bem.

— Bem-vinda ao seu novo lar, Marin, — disse ele. — Olhe a seu redor.

— É mais quente, — disse ela de repente.

Elric sorriu.

— A Fae enfeitou isso. O frio não nos alcança aqui.

— Graças a Deus, — murmurou ela.

Marin girou sua cabeça e deixou que seus olhos vagassem pelo exuberante e verde vale, pelo céu brilhante e azul, e pelo quente clima. Uma pedra única brilhante e azul adornava o caminho que descia pelo vale e logo acima pela montanha até o... palácio. Ela piscou ante a estrutura majestosa frente a ela. Fazia que o castelo de Cinzenta no Mundo Disney se envergonhasse. Ela nunca tinha visto nada tão formoso e magnífico em sua vida, nem sequer pensava que algo desta magnitude existisse.

— Wow, — ela sussurrou quando tirou seus olhos do palácio para as estruturas que se viam como pontos pelo caminho e a paisagem. Umas eram o que ela chamaria pequenas casinhas de campo enquanto outras estavam a uma escala maior que pareciam negócios em vez de casas. E sobre cada uma destas estruturas brancas havia símbolos similares aos de seu braço. A atmosfera era de paz e tranquilidade. Tudo era simplesmente estupendo.

— O que pensa?

Ela ouviu a ansiedade da rica voz de Elric. Ela sorriu e disse.

— Penso que é tudo perfeito. Você nunca me disse que era tão formoso.

— Tem que ver a cidade para entender completamente.

— Já vejo, — ela disse enquanto olhava às pessoas caminhando para eles.

Eles não estavam vestidos como ela. Em vez dos lados abertos e o corte de seu vestido eles levavam longas e ondulantes mangas, e um intrincado bordado na prega das saias. Ela não recordava muito de história, mas se qualquer dos filmes que ela tinha visto estivesse no correto, às roupas dos Drahcirianos era mais antigo do que ela levava.

— O príncipe Elric está em casa. — gritou alguém.

Marin sentiu como se tivesse sido golpeada. Ela se voltou lentamente para o Elric.

— Príncipe?

Ele se encolheu de ombros e recusou encontrar seus olhos.

— Sim.

— Ele disse príncipe? — Rhonda perguntou desde atrás.

Marin pôde só assentir com sua cabeça enquanto olhava fixamente ao Elric.

— Há algo mais que eu devesse saber?

— Só que meus pais provavelmente exigirão que nos casemos imediatamente.

Ela riu então.

— Este será aproximadamente o modo de me pedir que me case contigo?

— Pedi-te que te casasse comigo o dia que te pedi retornar aqui comigo.

O sorriso de Marin morreu.

— Não sabia.

— Não tem importância, — disse Elric com um pequeno sorriso. — Conseguimos chegar aqui. Não vi minha família durante anos e estou ansioso de vê-los.

— Então nos leve a eles.

Elric deu a sua mão outro pequeno apertão antes de liberá-la e saudou as pessoas que os rodeava. Marin devolveu sorrisos e saudações enquanto seguia ao Elric caminho abaixo para o palácio. Drahcir era maior do que ela primeiro se imaginou, mas a beleza só aumentou à medida que se aproximava.

Quando eles chegaram aos pés do palácio, Elric se apressou ao seu lado para ajudá-la a desmontar. Quando ela se deslizou por seu corpo, o reviveu de desejo. Para seu prazer, os olhos verdes de Elric se obscureceram e um grunhido baixo saiu dele.

— Desejo-te, — sussurrou ele.

— Nem perto do muito que eu desejo a ti.

— Logo, meu amor, — disse ele e beijou sua frente. — por agora, devemos saudar meus pais.

Marin não sabia que esperar de seus pais, mas não esperou encontrar a sorridente gente que estava diante dela. O rei se via soberano em seu magnífico traje púrpura e a coroa de ouro enquanto a rainha estava elegantemente de pé a seu lado com seu vestido lavanda e sua coroa menor.

Ela estava de pé e olhou ao casal quando Elric correu para eles. A saudação trouxe lágrimas a seus olhos enquanto recordou seus próprios pais. Foi só então que ela divisou

outro casal atrás do rei e a rainha. Era óbvio por suas roupas e o modo em que o homem sorriu a Elric que eles eram da família.

— Lucian? — ela ouviu exclamar ao Elric.

Os dois homens se abraçaram e se aplaudiram as costas um ao outro. De repente, cinco pares de olhos se voltaram para ela. Marin quis correr e esconder-se. Ela só podia imaginar o que parecia depois de viajar pelas montanhas e brigar contra o Tnarg. Sentiu algo tocar sua mão e tomou a mão da Rhonda enquanto ela e Lachlan chegaram detrás dela.

— Marin, — Elric chamando-a.

Sua boca secou enquanto tratava de fazer mover seus pés. Era pior que uma entrevista de trabalho com o presidente de uma empresa. Ela forçou seus pés a mover-se e pôs um sorriso em seu rosto quando se dirigiu para o pequeno grupo. Elric veio para encontrá-la e tomou sua mão.

— Amo-te, — sussurrou ele em seu ouvido.

Ela sorriu, olhou-o e começou a relaxar-se.

— Eu também te amo.

— Bem-vinda à família, — disse o rei enquanto avançava para ela para abraçá-la.

Elric permaneceu olhando a sua companheira quando ela aceitou os abraços de sua mãe, pai, irmão e cunhada. Ele franziu o cenho. Ele ainda não sabia o nome da esposa do Lucian.

— Marin, — Elric disse. — me deixe te apresentar a meu pai, Rei Urises e minha mãe, Rainha Morag

— Por favor, — disse a rainha, — ela não deve ser tão formal conosco, Elric. Pode me chamar Morag, mas espero que chegue a me chamar Mãe.

Elric viu que Marin piscava rapidamente para conter as lágrimas que a ameaçavam.

— Isso seria uma honra, — disse ela.

— E este — Elric disse girando-se a seu irmão, — é Lucian, meu irmão mais velho.

— Prazer em conhecê-la, — disse Lucian inclinando-se sobre sua mão. — me deixe te apresentar a minha esposa, Isabelle.

A Elric agradou a mulher de cabelo castanho a quem Lucian chamava sua companheira. Ela fazia bom par com seu irmão.

— Onde estão Sorin e Keiran? — perguntou ele.

— Eles não retornaram, — disse seu pai.

Elric suspirou e pôs seu braço ao redor de Marin.

— Pensei que eu seria o último em chegar.

— Eu pensei o mesmo, — disse Lucian.

Sua mãe olhou sobre seu filho.

— Elric, querido, quem é aquela gente que está com os cavalos?

— OH, — exclamou Marin enquanto corria para a Rhonda e Lachlan. — Esta é minha melhor amiga, Rhonda, — disse Marin quando se aproximaram. — E este é Lachlan.

— Todos vocês devem estar muito cansados, — disse Morag. — nos retiremos ao palácio. Encontrarei antecâmaras para Marin, Rhonda, e Lachlan em seguida.

Elric se deu volta e olhou para sua cidade enquanto seu pai e Lucian ficavam ambos os lados dele.

— Nunca pensei que voltaria.

— Teve problemas para encontrá-la? — perguntou seu pai.

Elric soprou e contou como Aimery lhe ajudou trocando o de tempo e do Tnarg.

— O Tnarg viajou pelo tempo tão facilmente como o fez você? — perguntou Lucian.

— Sim, — disse Elric. — Pensei que nós morreríamos no caminho. Nada do que fiz o deteve.

— Foi o mesmo quando combati com um.

— Você, também? — perguntou Elric. — Isto quer dizer que irá atrás das companheiras do Keiran e Sorin. O Tnarg me disse que eu poderia retornar ileso, mas que tinha que matar ao Marin.

— O que o deteve? — perguntou seu pai

Elric se encolheu de ombros. — Não tenho nem idéia. Movi-me para o Marin para protegê-la e no momento seguinte se foi. Só desejo que houvesse um modo de advertir ao Sorin e Keiran.

Capítulo 11

Marin despertou com o som dos pássaros fora de sua janela. Ela rodou sobre suas costas e se estirou. Seu olhar percorreu os formosos cortinados nata e malva escura da cama e pensou no Elric. Ela tinha querido ter tido tempo com ele ontem à noite, mas, depois do jantar, ele e seu pai, seu irmão, e Lachlan foram encerrados no estúdio do rei. Ela sabia do que eles falavam - do Tnarg.

Enquanto Elric tinha estado discutindo sobre o Tnarg, ela tinha estado com o Morag, Isabelle e Rhonda discutindo as bodas. Lucian e Isabelle tinham retornado a Drahcir só umas poucas semanas antes que ela e Elric. Morag não tinha perdido tempo em levar a Isabelle e Lucian ao altar, e parecia que ia fazer o mesmo com o Marin e Elric. Não é que ao Marin importasse. Ela tinha esperado toda sua vida por Elric, e agora que o tinha, ela não queria deixá-lo partir.

Marin tinha muitas reservas a respeito de ser uma princesa, mas Isabelle lhe assegurou várias vezes durante a noite que ela estaria bem. Só esperava que Isabelle tivesse razão.

Uma princesa. Nunca em todos seus sonhos Marin se viu si mesma como uma princesa, entretanto isso era exatamente no que se converteria.

A porta de seu quarto se abriu de repente, e Elric rapidamente se meteu dentro. Ele sorriu ao fechar e pôr o ferrolho.

—Senti saudades ontem à noite, — disse ela quando ele caminhou para a cama. A boca de Marin começou a fazer água enquanto Elric se tirava a túnica e atirava as botas e as calças.

— Não fale, — disse ele deitando-se ao lado dela. — A única coisa que pensei durante toda a noite foi te encher com meu pênis. — A rouca voz de Elric e seus olhos cheios de desejo trouxeram para a vida o corpo de Marin instantaneamente. Ela abriu sua boca para receber seu beijo e passou suas mãos sobre sua pele bronzeada. Os músculos de Elric se moviam e se agrupavam sob os dedos dela enquanto suas mãos vagavam por seu corpo.

Seus seios se incharam e seus mamilos se endureceram sob sua fina camisola enquanto as mãos de Elric raspavam através de seus sensíveis mamilos. Um gemido saiu de seus lábios enquanto sua mão massageava primeiro um seio, logo o outro.

Elric terminou o beijo e se ajoelhou para olhá-la. Sua respiração se entrecortava.

— Desejo-te tão desesperadamente que não acredito que possa ser gentil.

—Não desejo gentileza, — disse ela lhe passando um dedo por seus lábios. —Eu só desejo a ti.

As grandes mãos agarraram seus ombros e a puseram de joelhos diante dele.

A boca dele baixou sobre a sua dura e exigente, prometendo um prazer tão intenso que ela tremeu por isso.

Os lábios de Elric deixavam um rastro de quente desejo enquanto ele descia por seu pescoço a seus ombros. Vagamente, ela foi consciente dele lhe levantando a camisola e tirando-lhe por sua cabeça antes de atirá-la ao chão. Marin levou para trás a cabeça enquanto sua boca e suas mãos continuaram obrando sua magia no corpo dela.

A larga e quente longitude de seu pênis palpitou contra seu estômago. Ela a alcançou e tomou em sua mão e a apertou com cuidado. Ele aspirou um fôlego e gemeu.

Marin moveu sua mão acima e abaixo de sua longitude, seu sangue bombeava forte em seus ouvidos enquanto seu corpo pulsava de necessidade.

Ela beijou seu pescoço e moveu seus lábios através de seu peito e abaixo por seu estômago. Quando ela alcançou seus quadris as mãos dele agarraram seus ombros, e durante um momento ela pensou que ele a deteria. Ela estalou sua língua sobre a cabeça de seu pênis e o ouviu grunhir. Não lhe deu tempo de detê-la quando abriu sua boca e tomou dentro.

O sabor salgado dele era excitante e só estimulou ainda mais sua paixão. Mas não foi dado muito tempo para desfrutar de seu poder recém descoberto sobre ele porque Elric a empurrou de costas sobre a cama e entrou nela com uma longa e forte investida.

Marin deixou sair um comprido gemido. Ele começou a empurrar dentro dela aumentando seu já crescente desejo até onde ela pensou que arrebentaria. Seu mundo se desmoronava ao redor dela enquanto seu clímax explodia. Ela sentiu Elric dar uma investida final e se uniu a ela enquanto gritava seu nome.

Quando a última de suas sacudidas a abandonava, Elric rodou a seu lado trazendo-lhe consigo.

—Bom dia, — disse enquanto lhe retirava o cabelo de seu rosto.

—Bom dia. Penso que eu gostarei de despertar cada manhã justo assim.

Elric riu.

— Estou preparado para a tarefa. Deixou minha mãe planejar as bodas ontem à noite?

—Sim. Será muito grande.

—Como só a realeza o é, — disse o. — Te incomoda que eu seja um príncipe?

Ela sacudiu sua cabeça. —Não. Foi só a surpresa. Você nunca disse nada a respeito disso.

—Pensei que poderia ser muito para ti de uma vez, logo com o Tnarg nos espreitando, não tive muito tempo de lhe dizer isso — Certo. Mas agora estamos aqui.

—Certo. Mas agora estamos aqui.

Ele a apertou contra ele e a beijou na frente.

—Sim, estamos em casa.

O silêncio desceu sobre eles e ela se apoiou em um cotovelo para olhá-lo.

—Está preocupado por seus outros dois irmãos?

Ele assentiu.

—Há alguma forma de poder ajudá-los? Enviar um aviso a algum lugar?

—Não. Não temos idéia de onde estão ou se o Tnarg já chegou a suas companheiras. Só o Fae poderia encontrá-los agora.

—Então lhe pergunte ao Fae.

Ele sorriu brandamente.

—Pode vir a isso, ou o Fae pôde havê-los encontrado. Foi Aimery quem me ajudou a viajar pelo tempo, assim que quem sabe que ele não ajudou ao Sorin ou Kieran.

—Espero que chegue logo. Sua mãe está muito preocupada.

—Também o estão meu pai e Lucian. Tudo o que podemos fazer agora é ter esperança e rezar.

Marin descansou sua bochecha sobre seu peito e sorriu.

—Sua mãe tem as bodas planejadas para depois de amanhã. Ela está fazendo um vestido de noiva para mim.

—E o fará isto lhe prometo. Agora, te apresse e te vista — disse Elric levantando-se da cama. —Quero te levar fora para que conheça às pessoas.

—E quero ver mais do palácio.

—Humm, — disse enquanto o mordiscava o pescoço. —Poderíamos tratar primeiro do palácio. Há muitas habitações vazias e corredores escuros.

Marin fechou seus olhos e suspirou.

—Eu gosto dessa idéia.

Epílogo

As bodas tinha sido um enorme sucesso, um que poderia ter rivalizado com a princesa Diana da Inglaterra. Marin se sentia cada vez mais princesa e com a coroa sobre sua cabeça mantendo seu comprido véu em seu lugar, ela se via como uma também.

Tinha conhecido a seu primeiro Fae. Aimery, o verdadeiro Fae quem tinha ajudado a Elric a encontrá-la. Ele não era como ela imaginava que poderia parecer um Fae. Ele não era pequeno com asas transparentes, a não ser alto, magro, e tão formoso que poderia ter deixado ao Adônis com vergonha com seu comprido e liso cabelo e incomuns olhos azuis.

Aimery não ficou muito tempo, mas antes de ir lhes assegurou ao rei e à rainha que trataria de localizar a Sorin e Kieran.

—Princesa Marin, — disse Elric enquanto se inclinava a beijar seus lábios. —Eu gosto disso.

Marin sorriu.

—Eu também. A propósito, viu Rhonda e ou ao Lachlan? Não os vi nas bodas.

—Eu acredito que foram explorar o palácio.

—Eu o recomendei muito depois da diversão que tivemos.

—Penso que Lachlan planeja pedir a Rhonda que seja sua esposa.

Marin estava encantada. Ela sabia que eles tinham profundos sentimentos o um pelo outro, ela só não se deu conta de quão profundos esses sentimentos eram. —Estou muito feliz por ambos. Sei que Rhonda dirá que sim.

—Suficiente conversa sobre eles. Estivemos celebrando faz duas horas e não acredito que possa esperar um momento mais para te fazer o amor.

—Então o que estamos esperando?

Ele a puxou para seus braços e reclamou seus lábios em um profundo beijo.

—Amo-te, minha princesa.

—E eu a ti, meu príncipe.